



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
II CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**FRANCICLÉBIA NICOLAU DA SILVA**

**A CRÔNICA E SUA INTERFACE:  
DIÁLOGOS POSSÍVEIS À LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA**

---

**CAJAZEIRAS – PB**

**2012**

---

**FRANCICLÉBIA NICOLAU DA SILVA**

**A CRÔNICA E SUA INTERFACE:  
DIÁLOGOS POSSÍVEIS À LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA**

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa

**CAJAZEIRAS – PB**

**2012**



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S586c Silva, Franciclébia Nicolau da  
A crônica e sua interface: diálogos possíveis à luz  
da teoria Bakhtiniana./Franciclébia Nicolau da Silva.  
Cajazeiras, 2013.  
65f.

Orientador: José Wanderley Alves de Sousa.  
Monografia (Especialização) – UFCEG/CFP

1. Língua portuguesa – gênero e ensino. 2. Crônica-  
análise. 3. Teoria Bakhtiniana.

I. Sousa, José Wanderley Alves II. Título.

3. Gêneros do discurso - crônica

UFCEG/CFP/BS

CDU – 811.134.3

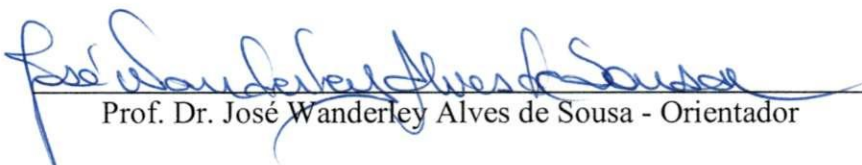
FRANCICLÉBIA NICOLAU DA SILVA

**A CRÔNICA E SUA INTERFACE:  
DIÁLOGOS POSSÍVEIS À LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA**

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Aprovada em 20 / 12 /2012

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa - Orientador

  
Profa. Dra. Fátima Maria Elias Ramos – Examinadora

  
Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira - Examinadora

Profa. Msa. Adriana Sidralle Rolim de Moura - Examinadora Suplente

O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico [sic.] (BAKHTIN, 2006, p. 59).

Dedico este trabalho a todos que colaboraram para a sua concretização, em especial, minhas adoradas, mãe, avó, queridas irmãs e ao meu amor.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS  
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA  
2011

## AGRADECIMENTOS

Quando nos comprometemos a realizar uma jornada de trabalho como essa, acabamos, querendo ou não, fazendo com que outras pessoas assumam também essa responsabilidade e, assim, tornem-se fundamentais para a continuação e concretização de tal projeto. Desse modo, cada sujeito envolvido toma para si uma função e passa a ajudar de diversas formas, desde uma orientação específica, até demonstrações várias de paciência como, por exemplo, em escutar os tantos desabafos, nos quais os altos e baixos da jornada são impacientemente descritos. Portanto, muitos são os agradecimentos que devem ser feitos, pois muitos foram aqueles que, de algum modo, ajudaram e possibilitaram o encontro com o fim desta jornada. Mas, para que estes seres iluminados sintam-se satisfeitos com a lembrança de suas contribuições, declaro, neste momento, o meu agradecimento a todos que colaboraram à realização deste trabalho.

Agradeço, inicialmente, a Deus, sustentáculo de fé e vivacidade em toda minha caminhada.

Meu eterno agradecimento a minha mãe, Creusa, a minha primeira professora, que sempre me apoiou com suas palavras de força, de conforto, mas, especialmente, de alerta, palavras que “exigiam” a minha atenção para não esquecer a vida em família, uma consequência de sua preocupação com meu isolamento, por isso, guardo carinhosamente suas palavras: “A gente trabalha e estuda pra viver bem e não pra esquecer o nosso mundo”.

Agradeço ao meu pai, Francisco Daniel (*in memoriam*), pela vida nesta terra. Ele, certamente, estaria orgulhoso de ver-me cumprir uma etapa como esta.

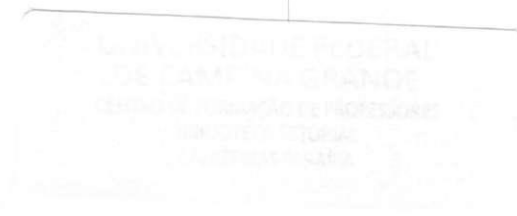
Com muito carinho, agradeço às minhas irmãs, Cléia e Cleide, por compreenderem minhas atitudes, por vezes, rompantes, uma consequência das preocupações surgidas neste percurso.

Aos meus queridos sobrinhos: Lucas e Gabrielly, por entenderem a minha ausência em determinados momentos de suas vidas.

Agradeço imensamente ao Erik, pelo amor, companheirismo, carinho, pelas inúmeras conversas durante as quais compartilhamos conhecimentos e (des)esperanças, pela disposição

incansável em escutar minhas velhas e novas inquietações, enfim, por sempre estar presente e dando força mesmo estando longe.

E, por fim, meu agradecimento especial ao Professor Dr. José Wanderley Alves de Sousa, eterno e querido professor, orientador deste trabalho. Agradeço o incentivo sempre dado a essa proposta, pois dessa motivação renasceu o desejo de realizar um estudo como esse. Pelo tempo dedicado à orientação, à revisão, pelo cumprimento do cuidado e rigor acadêmico, agradeço.





## RESUMO

Este trabalho tem como foco de estudo o gênero discursivo *crônica*. A motivação para esta pesquisa surgiu ao longo de experiências com alunos do Ensino Médio da rede pública, possibilitadas através de projetos de iniciação científica da universidade, neste caso, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras. Nessas experiências constatou-se a necessidade de se trabalhar os gêneros do discurso como ferramentas de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. Passamos a observar que os métodos de ensino deveriam privilegiar o aspecto social e dialógico da língua, pois dessa forma o aluno teria a possibilidade de compreender a sua língua como discurso e não como um sistema rígido de formas. Por essa razão, eleger o gênero como meio para o desenvolvimento das competências dos alunos passou a ser considerado um passo fundamental. Entretanto, para que esse processo pudesse ser efetivado, o estudo dos gêneros do discurso deveria ser ancorado numa perspectiva que fizesse entender essas entidades como modos de organização do discurso, unidades mantenedoras e, ao mesmo tempo, transformadoras das relações estabelecidas entre os sujeitos nos mais variados momentos da interação verbal/discursiva. Desse modo, para que o processo de compreensão e produção de gêneros pudesse ser realizado de modo ressignificado com os alunos, logo, atentamos para outro passo fundamental a ser dado. Este, diz respeito ao critério de seleção que o professor deveria formular para se trabalhar com os gêneros em sala de aula. Essas reflexões levaram-nos a sugerir que o docente deveria, especialmente, refletir sobre os critérios que melhor atendessem às necessidades de seus alunos, pois para cada contexto, haveria uma especificidade a ser necessariamente desenvolvida. Neste trabalho, ao lançarmos nosso olhar para o gênero *crônica*, estamos refletindo uma possibilidade de o professor desenvolver uma atividade significativa com seus alunos, pois acreditamos que um trabalho bem pensado, utilizando-se a crônica como objeto de ensino, pode trazer grandes contribuições ao processo de interação/inserção social dos alunos. Além dessas reflexões, discutimos sobre as características discursivas motivadoras para a construção do gênero, a partir dos ambientes sociais propulsores da sua formação e difusão, no caso, da esfera do jornalismo e da literatura. Por fim, apresentamos uma análise do gênero a partir de crônicas coletadas de um jornal. Através dessa análise, procuramos compreender e descrever os elementos constitutivos do gênero, segundo a teoria bakhtiniana. Todas as discussões apresentadas têm respaldo teórico na perspectiva dialógica de Bakhtin (2010 [1953]).

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica. Ensino. Formação. Jornalismo. Literatura.

## ABSTRACT

This work has as study focus the speech genre *chronic*. The motivation for this research appeared along experiences with high school students from public schools, across projects scientific initiation university, in this case, the Federal University of the Campina Grande – Campus Cajazeiras. In these experiences we observe the need if to work the speech genres as teaching tools in Portuguese Language classes. We found that teaching methods should privilege the dialogic and social aspect of language, because that way the student has the opportunity to understand their language as discourse and not as a rigid system of forms. For this reason, choosing of the genre as a means for development the skills of the students is considered a essential step. However, for this process to take effect, the study of speech genres should be fundamented on a perspective that allows us to understand these entities as modes of discourse organization, regulators and, at the same time, transformers the relations between the individuals in various moments of verbal interaction/discursive. Thus, for this process of understanding and production of genres occurs mode of resignified with students, another essential step to be realized we highlight. This, concerns the selection criteria that the teacher must make in order to work with genres in the classroom. These reflections lead us to suggest that teachers should especially reflect on the criteria that best meet the needs of their students, because each context, there is a specificity necessarily to be developed. In this work, to the launch our look at the *chronic* genre, we are reflecting an opportunity of the teacher develop a significant activity with students, because we believe that a well thought out work, utilizing the chronic as teaching object, can greatly contribute to the process of interaction/social insertion of students. Beyond these considerations, we discuss the characteristics motivators discursive for construction of the genre, from the propulsors social ambients of their formation and diffusion, in this case, of the sphere of journalism and literature. Finally, we present an analysis of the genre from of chronicles collected of a newspaper. Through this analysis, we seek to understand and describe the constituent elements of genre, according to Bakhtinian theory. All discussions presented have theoretical support in dialogical perspective of Bakhtin (2010 [1953]).

**KEYWORDS:** Chronic. Teaching. Formation. Journalism. Literature.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 APRECIÇÕES TEÓRICAS NO CAMPO DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LÍNGUA .....</b>	<b>15</b>
1.1 GÊNERO E ENSINO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS .....	15
1.2 A CRÔNICA: PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PERTINENTES.....	17
1.3 A FORMAÇÃO INTERESFERAS DO GÊNERO CRÔNICA: UMA CONVERSA BAKHTINIANA.....	21
<b>2 DO PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO À ANÁLISE: REFLEXÕES SOBRE O GÊNERO CRÔNICA A PARTIR DOS DADOS COLETADOS .....</b>	<b>31</b>
2.1 DIMENSÃO SOCIAL DA CRÔNICA .....	32
2.2 DIMENSÃO VERBAL DA CRÔNICA.....	36
<b>2.2.1 Movimentos dialógicos.....</b>	<b>44</b>
2.2.1.1 MANIFESTAÇÃO DO MOVIMENTO DIALÓGICO DE ASSIMILAÇÃO .....	45
2.2.1.2 MANIFESTAÇÃO DO MOVIMENTO DIALÓGICO DE DISTANCIAMENTO.....	46
<b>2.2.2 Movimentos dialógicos básicos.....</b>	<b>50</b>
2.2.2.1 O MOVIMENTO DE ENGAJAMENTO.....	50
2.2.2.2 O MOVIMENTO DE REFUTAÇÃO.....	51
2.2.2.3 O MOVIMENTO DE INTERPELAÇÃO .....	52
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

A motivação inicial para a realização de um trabalho como este surgiu a partir de experiências com projetos de iniciação científica, vinculados à Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras. Tais projetos tinham como foco avaliar as práticas de leitura e escrita de alunos da rede pública estadual. Com isso, tornou-se imprescindível o estudo da teoria dos gêneros discursivos e sua utilização nas aulas de Língua Portuguesa, ministradas nos ambientes escolares com os quais mantínhamos contato. As experiências com alunos do Ensino Médio fizeram com que fortalecesse a motivação pelo estudo dos gêneros, além, é claro, da preocupação em utilizá-los como instrumentos de ensino nas aulas de língua materna.

Logo, a orientação tecida neste trabalho é a de que o ensino de língua deva ser mediado pela noção de gêneros discursivos, pois através deles, o aluno pode ter a oportunidade de reconhecer a sua língua como discurso e não como um sistema rígido de formas, geralmente ainda observado em diversos contextos escolares.

[...] ao falante não são dadas apenas as formas da língua nacional (a composição vocabular e a estrutura gramatical) obrigatórias para ele, mas também as formas de enunciado para ele obrigatórias, isto é, os gêneros do discurso: estes são tão indispensáveis para compreensão mútua quanto as formas da língua. Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos [...] (BAKHTIN, 2010, p. 285).

A partir desse pressuposto, percebemos que todo ato verbal torna-se possível através dos gêneros, “[...] Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 283). O ensino de língua fundamentado nos gêneros do discurso proporciona a visibilidade e o conhecimento dos meios os quais os sujeitos utilizam para manifestarem-se de diversas maneiras e em diferentes contextos.

No entanto, para que esse processo seja efetivado, o trabalho com essas entidades necessita ser cuidadosamente organizado. Sendo assim, o primeiro passo está na compreensão que se deve ter em relação aos gêneros discursivos. Compreendamos, pois, os gêneros como modos de organização do discurso, como entidades mantenedoras e transformadoras da relação dos sujeitos com os diversos ambientes sociais.

O estudo dos gêneros pode ter consequência positiva nas aulas de Português, pois leva em conta seus usos e funções numa situação comunicativa. Com isso, as aulas podem deixar de ter um caráter dogmático e/ou fossilizado,

pois a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação e o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes (BEZERRA, 2002, p. 41).

Sabe-se que a proposta de lidar com os gêneros como meio de ensino nas aulas de Língua Portuguesa não é “nova”, no entanto, ainda são poucos os contextos que assumem efetivamente tal postura. Podemos considerar que qualquer mudança que se queria fazer, nesse sentido, estará indo de encontro com uma longa e trabalhosa história de ensino, voltada, exclusivamente, à aquisição sistemática da língua. Assim, o professor que tenta seguir essas “tendências” sente-se acuado diante de tantas “novidades”, o que acaba por dificultar ainda mais sua prática diária, pois percebe drasticamente que não possui o conhecimento teórico necessário e fundamental para essa mudança. Ainda assim, com o intuito de acertar, acaba errando, e o resultado disso é o que observamos em vários ambientes de ensino: a transformação daquilo que deveria ser um processo de inserção social e desenvolvimento linguístico dos alunos, em momentos de produção aleatória de textos, nesses instantes, apenas denominados de gêneros.

Sempre que nos deparamos a refletir sobre as ações do professor, direcionamos nosso olhar para a preocupação que esse profissional deve ter quando se vê com a tarefa, por ele assumida, de orientar um trabalho que tenha como objetivo motivar o aluno a compreender e produzir gêneros. Com isso, podem e devem surgir grandes dúvidas, a começar pela seleção dos gêneros a serem estudados em sala, pois, como sabemos, devido ao caráter heterogêneo a eles atribuídos, as possibilidades de estudo tornam-se incontáveis:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2010, p. 262).

Para ajudar nesta difícil escolha, a orientação transmitida, neste trabalho, ao docente, é a de que esse profissional pode, inicialmente, atentar e refletir sobre os critérios que melhor atendam às necessidades de seus alunos. Desse modo, lidar com o ensino de gêneros não é, evidentemente, tomar para si uma fórmula que, se seguida rigorosamente, nos dará a garantia de sucesso. Para cada contexto, há uma especificidade e uma necessidade a serem trabalhadas. Porém, algumas dicas podem contribuir positivamente a essa dificultosa tarefa.

Segundo Marcuschi (2008), uma seleção de gêneros poderia voltar-se para o aspecto cotidiano dos alunos. Bonini (2011), por exemplo, acredita ser importante escolher gêneros que possam ter uma utilidade ao ensino da linguagem; um de seus critérios aponta para o fato de alguns gêneros já fazerem parte do trabalho escolar e dos livros didáticos e, portanto, os alunos estariam mais familiarizados. Com base nessas orientações, percebemos que o cotidiano e a familiarização dos alunos com o objeto a ser estudado são fatores importantes na escolha dos gêneros a serem trabalhados em sala.

A partir desse pressuposto surge a nossa orientação. Desde que o professor perceba, em seu contexto de ensino, a necessidade de iniciar um processo de compreensão/produção, baseado em gêneros que remetam ao cotidiano, consideramos um caminho de extrema significância a predileção pela cotidianidade do aluno como um critério de seleção de gêneros.

Em nosso trabalho, na tarefa de eleger um gênero a ser estudado, além do critério acima citado, o qual não nos deixa excluir a preocupação com a ação do professor de língua materna em desenvolver métodos de trabalho ressignificados, tivemos também o genuíno interesse em compreender como se organiza discursivamente o grupo social composto por jornalistas/escritores, a partir de um âmbito social mais próximo.

Para tanto, lançamos nosso olhar ao gênero *crônica*, que acreditamos ser um meio de alcançarmos esta compreensão e também, é claro, de possibilitar ao professor um trabalho significativo com seus alunos, pois nos preocupa a maneira como este gênero vem sendo “ensinado” em muitos contextos escolares.

Esta apreensão surgiu por termos a consciência de que quando limitados ao reconhecimento de elementos superficiais, que nada contribuem para o processo de compreensão, os gêneros passam a ser vistos como unidades estanques, rígidas e igualmente superficiais. Uma explicação para esse tipo de observação pode estar na desconsideração ou na incompreensão do processo de formação pelo qual todo gênero atravessa e se forma ao longo da história.

Dar relevo à historicidade significa chamar atenção para o fato de os tipos não serem definidos de uma vez para sempre. Eles não são apenas agregados de propriedades sincrônicas fixas, mas comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, precisamente porque as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação (FARACO, 2009, p. 127).

Afirmamos como essencial ao estudo e trabalho dos/com gêneros, uma visão fundamentada no caráter dialógico e, portanto, dinâmico. Por isso, temos como âncora de

nosso estudo/análise a perspectiva dialógica de Bakhtin (2010 [1953]), pois consideramos ser a teoria que mais contribui para a sustentação do pensamento aqui construído.

Sendo assim, apresentamos como objetivos gerais deste trabalho: i) refletir a validade de uso da crônica como objeto de ensino; ii) realizar uma discussão sobre as características discursivas motivadoras para a construção do dizer da crônica, em seus respectivos ambientes de formação/produção; iii) apresentar uma análise do gênero crônica à luz da perspectiva bakhtiniana.

Elegemos, também, como objetivos específicos:

- ✓ construir subsídios teóricos que apontem um efetivo processo de ensino-aprendizagem da crônica;
- ✓ refletir sobre determinadas características correspondentes às esferas jornalística e literária e suas implicações em razão do gênero crônica, e o posicionamento assumido pelo sujeito-autor do gênero frente aos seus interlocutores;
- ✓ analisar, a partir do corpus coletado, o aspecto social e verbal apresentado pelo gênero, observando, com isso, elementos como o conteúdo temático e as configurações estilístico-composicionais.

Para uma sistematização deste trabalho, propomo-nos a responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- ✓ que contribuições podem ser apontadas na escolha da crônica como objeto de ensino?
- ✓ como podemos compreender o gênero crônica tomando como ponto de partida a relação estabelecida entre as esferas de sua formação?
- ✓ como estão configurados os aspectos social e verbal na(s) crônica(s) analisadas?

Para tanto, organizamos nosso trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo abordamos o tema dos gêneros discursivos e o seu tratamento no contexto escolar. Orientamos, inicialmente, um ensino de língua ressignificado, centrado nos gêneros do discurso, voltado, pois, à formação sociodiscursiva dos alunos. Para tanto, apresentamos o professor como peça fundamental ao processo efetivo das práticas de leitura e escrita e, conseqüentemente, ao desenvolvimento das competências dos alunos. Ainda neste capítulo, são feitas algumas considerações sobre o gênero *crônica*, sua produção nacional e as esferas

sociais responsáveis pelo seu surgimento. Nesse ínterim, discutimos a validade de seu uso como objeto de ensino, refletindo, portanto, sobre as possibilidades que o gênero oferece ao processo de inserção social dos alunos.

Na sequência, abordamos conceitos bakhtinianos vinculados ao modo como observamos o contexto social, histórico e ideológico dos gêneros. Posteriormente, apresentamos uma discussão sobre o processo de construção da crônica, observando, fundamentalmente, as esferas sociais e as relações dialógicas que tais discursos estabeleceram e estabelecem ao surgimento e à produção do gênero, assim como os posicionamentos assumidos pelo sujeito autor à efetivação do projeto discursivo. Para tanto, apoiamo-nos numa formação *interesferas* do gênero crônica. Essa discussão tem respaldo teórico na perspectiva dialógica de Bakhtin (2010 [1953]).

No segundo capítulo, apresentamos uma análise, a partir da qual refletimos as características discursivas, observadas em crônicas coletadas no *Jornal da Paraíba*.

Com isso, procuramos compreender como estão constituídos os aspectos social e verbal do gênero, através dos textos coletados. Tais aspectos são considerados os motivadores e os construtores do discurso à formação dos elementos constitutivos do gênero. Essa análise tem como fundamento teórico a noção de gêneros bakhtiniana.



## 1 APRECIÇÕES TEÓRICAS NO CAMPO DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LÍNGUA

Hoje, incontáveis trabalhos discutem o tema dos gêneros discursivos, porém, quanto maiores as possibilidades de reflexão sobre o tema, tanto maior deve ser a preocupação dos que se detêm a compreender o complexo e o heterogêneo mundo dos gêneros, em especial, os que com seus estudos, pretendem demonstrar visões ressignificadas do trabalho com a língua materna. Logo, entender o modo de organização dos gêneros é observar como nos organizamos enquanto sujeitos dialógicos que somos; é compreender como se organiza o nosso discurso. Isso porque,

[...] aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero [...] se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, (2010 [1953]), p. 283).

Em se tratando das aulas de língua materna, essas devem funcionar como momentos da construção de novas realidades e significações. Com isso, o estudante deve ser motivado a refletir, a conhecer a sua língua, pois compreender é estabelecer relações de sentido com o mundo.

### 1.1 GÊNERO E ENSINO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Quando o objetivo atribuído ao ensino corresponde ao de possibilitar aos sujeitos uma formação do ponto de vista sociodiscursivo devemos atentar para o fato de que não há alternativa viável senão a do professor assumir o papel de sujeito-reflexivo, transformando-se, portanto, em um instrumento para a formação de futuros cidadãos.

Decerto, as práticas de leitura e escrita devem ser constantes no ambiente escolar. Não há ensino eficaz de língua materna sem o exercício cotidiano destas práticas. O docente, mais do que qualquer outro sujeito, precisa *pensar-se*, refletir sobre o seu agir e os efeitos de suas ações. Mas, para que possa ajudar aos alunos a fazer da leitura, uma promoção de significados o professor deve começar pela sua consciência, observando o lugar que a leitura e a escrita tem no seu dia a dia.

Neste momento, faz-se necessário, sem que nos distanciemos da ideia apresentada neste trabalho, apresentarmos breves considerações a respeito da prática de leitura, tomando,

pois, como ponto de partida o sujeito-professor. Todo processo que tem como cerne a produção e a compreensão de gêneros, deve, antes, passar por um caminho que leve às reflexões sobre leitura e, com isso, observar como esta prática está sendo encarada e/ou vivenciada por aquele sujeito, o professor.

Sendo assim, ressaltamos a contribuição de Guedes (2006), quando este declara que o professor não é um leitor igual aos outros. Pensando assim, é evidente que todo método de ensino, mediado pelo professor deve, efetivamente, passar pelo processo do seu aprendizado. Por isso,

O professor de português precisa ensinar-se a ler, começando por apropriar-se dos sentidos que sua leitura pessoal atribuiu — a partir de suas crenças, de sua experiência de vida e de leitura — ao que lê, mesmo aos textos dos quais deve falar a seus alunos. [...] ele precisa aprender como se aprende a ler para descobrir a como se ensina a ler e não tem outro jeito a não ser observar-se aprendendo a ler. Esse aprendizado baseia-se em sua leitura pessoal, indispensável para ensinar a ler, mas insuficiente se não for uma leitura feita em confronto com a leitura da tradição (GUEDES, 2006, p. 75).

O objetivo principal das aulas de língua materna deve ser fazer com que os alunos aprendam a comportarem-se linguisticamente, em diferentes situações de interação social. “[...] Ensina-se português aos brasileiros para ajudá-los a desenvolver sua competência comunicativa [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 43). Com isso, cresce a necessidade de trabalhar com gêneros em sala de aula, pois o quão maior for o conhecimento textual, mais possibilidades o estudante terá de desenvolver-se linguisticamente.

De fato, o trabalho com os gêneros discursivos é fundamental para a autonomia do aluno. Mas, para que bons resultados sejam obtidos, o professor deve agir de modo consciente, a começar pelo devido tratamento com os gêneros, os quais devem ser vistos como unidades representativas dos sistemas sociodiscursivos, definidas, primordialmente, pelas funções e estilos, compartilhados pelos e dentro dos grupos sociais ao longo da história. Destarte:

Quanto melhor dominamos os gêneros tantos mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2010, p. 285).

Com base nos postulados bakhtinianos, reafirmamos o caráter mutável, atribuído aos gêneros do discurso. Logo, essas entidades acompanham o desenvolvimento histórico, social e tecnológico, fato esse que explica, hoje, o crescimento quase desenfreado de gêneros produzidos e veiculados no mundo virtual. Isso porque a internet e os meios materiais de difusão, cada vez mais acessíveis aos sujeitos, oferecem interessantíssimas e cômodas maneiras de estabelecer relações com outros indivíduos. Esse aspecto nos remete, de imediato, à capacidade que os sujeitos têm de organizarem-se discursivamente – e de modo rápido – aos mais variados campos da atividade humana.

O trabalho com os gêneros discursivos, se bem fundamentado e orientado, possibilita “[...] o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação [...]” (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71). Conseqüentemente, o professor necessita produzir condições favoráveis de apropriação das características discursivas e linguísticas de vários gêneros.

Para isso, essa atividade deve ser cuidadosamente pensada, pois o aluno precisa ter consciência do caráter transformacional dos gêneros, especialmente para a sua vida, já que, através deles, a comunicação torna-se possível. Portanto, devemos ter consciência da especificidade e da dinamicidade presentes, pois “[...] Ao ver os gêneros apenas caracterizados por um número fixo de elementos, estaremos vendo os gêneros como atemporais e iguais para todos os observadores” (BAZERMAN, 2009, p. 31).

Portanto, torna-se imprescindível uma abordagem de gêneros preocupada com a observação dos seus elementos flexíveis, visto que deles adquirem a relativa estabilidade, logo, o seu caráter transformacional.

## 1.2 A CRÔNICA: PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PERTINENTES

Como especificado em outra parte deste trabalho, temos como foco o gênero discursivo crônica. Nesse aspecto, os subsídios teóricos aqui apontados podem servir como direcionamentos e/ou possibilidades ao processo de ensino-aprendizagem de tal gênero.

Inicialmente, refletimos sobre o entendimento que muitos estudantes têm sobre a crônica. Assim, lembramos que ao depararmos-nos com determinadas realidades escolares percebemos que a maioria dos alunos<sup>1</sup> pensa não ter conhecimento nenhum sobre o referido

---

<sup>1</sup> Para esta constatação/consideração tomamos como referência as experiências vividas com alunos do Ensino Médio da rede pública estadual em determinados contextos escolares, a partir dos projetos de iniciação científica realizados durante a graduação.

gênero. Logo imaginam a impossibilidade de compreender algo assim sem que, antes, o produzam. Podemos dizer que, para eles, o entendimento de um determinado texto/gênero dá-se diretamente pela escrita, antes mesmo da sua leitura. Uma consciência que necessita ser urgentemente transformada.

Em se tratando da crônica, muitos alunos entram em contato com o gênero de forma ligeira como, por exemplo, através da leitura de um determinado texto realizada apenas em sala. Quando passam a escrevê-lo, evidentemente, não conseguem. Consideramos que essas “confusões” ocorrem devido às práticas de leitura e escrita não estarem sendo realizadas de modo efetivo, logo, por algum motivo, não são trabalhadas enquanto processos.

É importante pensarmos que todos os dias, sem que percebam, os alunos mantêm contato com o que entendemos ser a base da crônica, o cotidiano. Um exemplo disso pode ser visualizado quando, muitas vezes, os próprios alunos atentam para fatos e coisas considerados, por muitos, desinteressantes. Porém, para alguns, essa exterioridade simples desperta interesse, justamente pela aparente desimportância. Por isso, através de uma orientação adequada, o docente poderá ajudar ao aluno a entender-se enquanto sujeito capaz de produzir crônicas, bem como tantos outros gêneros.

Além disso, tal orientação pode levar os estudantes a apreenderem o modo como os sujeitos autores, neste caso, os cronistas, utilizam a sua língua para extração de significados especiais, correspondentes à realidade diária de cada um, despercebida, muitas vezes, pela maioria dos sujeitos “A crônica [...] se apropria da realidade do cotidiano, como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê (ou não quer ver)” (MENEZES, 2002, p. 165).

O trabalho com esse gênero pode despertar no aluno o interesse pela leitura e pela escrita, tão visados pelos professores. Se orientados devidamente, seus olhares podem ser direcionados a observarem como outros sujeitos, assim como ele, expressam seus mundos através da escrita, através de um gênero. Com isso, os alunos podem entender a importância da língua nacional, bem como a manifestarem-se por ela, construindo, desse modo, uma identidade social a partir do gênero que produzem.

A crônica não foi inventada no Brasil, mas em poucos países esse gênero literário atingiu o grau de excelência que conquistou aqui, a ponto de transformar-se na principal porta de entrada da literatura para boa parte do público. [...] Na crônica, ao contrário, estamos diante de experiências do homem comum, expressas em linguagem ordinária e publicadas regularmente nas páginas da imprensa, ou seja, nesses catalisadores da vida

pública que são os jornais e as revistas. Sua linguagem procura captar o lirismo contido na simplicidade [...] (PINTO, 2005, p. 7-8).

Segundo Melo (2002), temos um gênero do jornalismo contemporâneo com raízes na história e na literatura, como as primeiras formas de expressão escritas. Concordamos ser a “[...] crônica uma soma de jornalismo e literatura [...]” (SÁ, 2008, p. 8), portanto, um gênero *interesferas*<sup>2</sup>.

Com a finalidade de didatizarmos a apresentação dessas esferas, abordamos suas características, por ora, separadamente. Para tanto, destacamos, inicialmente, as palavras de Adair Bonini, quando este discute sobre o que chama de *gêneros do jornal*:

O estudo dos gêneros jornalísticos [...] apresenta uma grande relevância social. As pesquisas desse tipo trazem subsídios não só para a formação e a atuação profissional (de jornalistas e professores de línguas, por exemplo) como também para a educação e a formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações, já que toda a sociedade é afetada por elas (BONINI, 2011, p. 53).

Esse mesmo autor considera ser prioritário, no âmbito jornalístico, o estudo de gêneros úteis ao ensino da linguagem, dentre eles, gêneros já inseridos no contexto escolar e nos livros didáticos, bem como aqueles que possibilitam o desenvolvimento de habilidades linguísticas importantes aos alunos. Em se tratando de gêneros jornalísticos, pode-se escolher aquele ou aqueles que melhor caracterizam o ambiente jornalístico.

A crônica da imprensa brasileira [...] é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real. [...] o cronista num jornal procura observar a realidade [...] julga-a e procura extrair um comportamento social (MELO, 2002, p. 147; 150).

É importante ressaltar que, no âmbito da esfera literária, o professor que se deparar com um gênero possuidor de algum tipo de recurso marcadamente literário não deve se limitar a apresentação de estilos de épocas literárias, mas sim fazer com que os alunos tenham a oportunidade de aumentar seus conhecimentos de mundo ao reconhecer a estética construída nesses textos, observando, pois, características como o estilo construído e apresentado no/pelo gênero. Nesse pressuposto, cabe dizer que:

---

<sup>2</sup> Tal conceito será discutido ainda neste capítulo.

[...] os textos literários [...] são, no mínimo, úteis para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, da mesma forma que os textos jornalísticos, publicitários, científicos e didáticos são úteis para esse desenvolvimento [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 190).

Sabemos que o ensino de língua necessita motivar aos alunos à leitura e à escrita, uma tarefa, geralmente, complexa. Por esse motivo, o trabalho com gêneros literários torna-se de grande importância, pois pode direcionar os alunos a refletirem sobre as marcas socioideológicas deixadas pelos sujeitos produtores dos gêneros. Nesse caminho, podemos considerar que na prática diária do professor com a língua nacional,

A escolha da prática da literatura brasileira — a narração, a poesia, o teatro, a crônica, o ensaio como textos para a produção de conhecimento básico a respeito da realidade pessoal interior e da realidade social mais próxima — como o trabalho fundamental da aula de português pode resgatar a oralidade abandonada, pois a língua em que se escreve literatura está mais próxima da oralidade [...] produzindo um conhecimento que não se desvincula da vida falante, já que a incorporação da oralidade, da língua que falamos tem sido uma das mais fundamentais bandeiras de luta da literatura brasileira. [...] (GUEDES, 2006, p. 99).

Com isso, o professor tem a oportunidade de propiciar um significativo processo de compreensão e de produção do gênero, durante o qual – com os fundamentos teóricos necessários – pode orientar um estudo que demonstre a contribuição da crônica ao processo de construção da identidade linguística e, portanto, da língua nacional de nosso país, afinal, “[...] Foi com a crônica [...] que o projeto de aproximação da linguagem literária à dicção coloquial se deu de modo contínuo [...]” (PINTO, 2005, p. 11).

Nesse sentido, podemos ver o ensino da crônica como uma forma de apreensão da identidade nacional, do reconhecimento de uma literatura brasileira que, nesse aspecto, tem como objetivo estabelecer uma relação íntima de seus leitores para com a sua própria língua/linguagem. Esse gênero corresponde, pois, a “[...] um campo textual próprio, que oferece possibilidades expressivas que nenhum outro gênero proporciona [...]” (PINTO, 2005, p.12)

Assim sendo, a crônica pode propor, aos alunos, determinadas percepções que os levem ao reconhecimento dos efeitos discursivos de origem jornalística, assim como produzir conhecimento sobre a estética do gênero, o modo como os sujeitos autores (cronistas) expressam sua realidade social, (re)construída sob o seu olhar literário.

Podemos dizer que esse sujeito-autor, ao mesmo tempo em que se revela, declarando-se personagem de suas narrativas, esconde-se, pois passa a pertencer a um

ambiente que lhe possibilita fazer um recorte da imagem de um ser real/social para um ser também ficcional. Para isso, assume-se como objeto do discurso e nesta objetificação está a motivação para a produção do gênero.

### 1.3 A FORMAÇÃO INTERESFERAS DO GÊNERO CRÔNICA: UMA CONVERSA BAKHTINIANA

Cumprido dizer que, em nenhum momento, estamos considerando a crônica um gênero mais importante do que outros. Ressaltamos, acima de tudo, a especificidade de cada gênero discursivo e, portanto, a necessidade de construirmos subsídios teóricos que ajudem ao processo de apreensão dessas entidades.

Reafirmamos que este/esta estudo/análise considera como fator essencial, o caráter dialógico presente nos gêneros. Nesse sentido, procuramos observar as características discursivas que motivam o dizer da crônica, ou seja, as reações-respostas construtoras e efetivadoras do seu projeto discursivo.

Para tanto, como já citado, tomamos como cerne de nosso trabalho a perspectiva dialógica de Bakhtin (2010 [1953]). Consideramos, pois, que a importância do *Círculo de Bakhtin* ao ensino de língua e ao trabalho com os gêneros em sala de aula é inegável, mesmo que a intenção do grupo não tenha sido esta.

As discussões empreendidas por tais estudiosos passaram a assumir, ao longo do tempo, um caráter contemporâneo, suscitando, ainda hoje, diversos diálogos, nos quais entra em questão o ensino/aprendizagem das práticas de leitura e escrita voltadas para a interação verbal/discursiva e, conseqüentemente, para os gêneros discursivos como meio de ensino.

[...] talvez a apropriação pedagógica da noção de gêneros do discurso de Bakhtin tivesse sido mais enriquecedora do que cristalizadora, se suas reflexões tivessem sido entendidas pelo seu caráter inerentemente dinâmico e não tivesse se resumido a submetê-las a uma leitura apenas formal dos gêneros (FARACO, 2009, p. 133).

Sendo assim, destacamos a relevância do dialogismo bakhtiniano ao ensino de língua e, em especial, ao (re)conhecimento do gênero do discurso como ambiente essencial à compreensão do dizer dos sujeitos, das razões para a produção do gênero e das intenções para com os interlocutores. Observamos os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados (já ditos e previstos), reconhecidos e produzidos entre/pelos falantes (cf. Bakhtin, 2010).

Portanto, toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva [...] (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes). O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante. Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau [...]. Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2010, p. 272).

À luz desse pressuposto, a língua assume sua devida posição, a de discurso, tornando-se, pois, a única possibilidade para a concretização da interação verbal, pois o sujeito é construído na linguagem e, por ela, ele apresenta e representa o mundo a sua volta. Esse ponto de vista faz surgir o que a perspectiva bakhtiniana denomina de *relações dialógicas*: o mundo construído pelo enunciado nas situações de interação verbal/discursiva.

No que diz respeito ao ensino de língua materna, esse deve ser fundamentado numa perspectiva de língua que leve em consideração a interação discursiva e, por assim dizer, o contexto social, histórico e ideológico. Destarte, “[...] a compreensão que o indivíduo tem de sua língua não está orientada para a identificação de elementos normativos do discurso, mas para a apreciação de sua nova qualidade contextual” (BAKHTIN, 2006, p. 107).

Assim sendo, o gênero “apresenta” e “representa” as particularidades de seu campo discursivo, isto é, da sua esfera. Essa apresentação/representação pode ser observada através de seu projeto discursivo, do modo de organização dos gêneros do discurso que, segundo Bakhtin (2010), é marcado por três elementos, indissolivelmente ligados, a saber: i) *estilo*, isto é, suas marcas individuais; no entanto, há gêneros mais propícios à impressão de uma marca identitária ou individual; ii) *tema*: neste, temos o objeto do discurso, a razão de existir do gênero, a motivação para a sua produção; e iii) *estrutura composicional*: processo de construção da totalidade discursiva.

Uma determinada função (científica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2010, p. 266).

Tal organização resultará na unidade real e concreta da comunicação discursiva, o *enunciado*: constituído pela situação social dos interlocutores e configurado em um texto, este



também concebido no plano do discurso. Portanto, o texto corresponde ao enunciado e, já que este equivale à totalidade discursiva como unidade real e concreta da comunicação humana, tanto o enunciado como o texto recobram, neste momento, a um mesmo fenômeno concreto.

A noção de gêneros discursivos em Bakhtin como uma tipificação social dos enunciados, assentados em um campo social de existência, remete-nos ao caráter histórico e concreto dos gêneros. Essa visão de enunciado demonstra que cada gênero pertence a uma situação de comunicação real e concreta, logo, correlacionam-se às *esferas da atividade humana*, ou seja, o gênero do discurso depende e é identificado, prioritariamente, do/pelo contexto social a que pertence.

Em se tratando da crônica, a correlação com sua esfera social, com seu contexto discursivo, dá-se, ao mesmo tempo, através de determinados campos da atividade humana, no caso, o jornalístico e o literário. Um devido estudo desse gênero deve considerar essa relação, através da qual o gênero nasceu e institucionalizou-se ao longo da história, da nossa história.

Estamos falando, portanto, do que chamamos de um estudo *interesferas*, ou seja, um gênero no qual observamos uma posição recíproca entre duas esferas da atividade humana, em que uma age em função da outra. Neste caso, podemos dizer que temos funções discursivas e ideológicas compartilhadas.

Essa cumplicidade discursiva possibilitou o surgimento de um gênero que, ao longo de sua produção, assume mais de uma identidade. Para tanto, não consideramos apenas a característica flexível do gênero, no que diz respeito à sua produção em esferas diferentes, mas também, e primordialmente, a formação de um gênero *interesferas*, resultante, pois, de um processo histórico e social capaz de unir discursos e ideologias, a princípio, distantes. Tal compreensão tem como ponto de partida o pensamento bakhtiniano, quando este considera a existência de uma categoria de gêneros. Vejamos:

[...] é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) [...]. Os gêneros discursivos secundários [...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado. [...] No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais e alheios [...] (BAKHTIN, 2010, p. 263).

Vale lembrar que a especificidade de cada categoria de gênero não corresponde ao aspecto funcional, como já destacado na obra bakhtiniana, cada grupo (primário e secundário)

difere do ponto de vista ideológico. Será essa particularidade ideológica – que cada categoria expressa e apresenta – o ponto de partida para a devida compreensão da natureza do enunciado.

Podemos considerar que estamos na essência do dialogismo bakhtiniano, fator esse que pensamos ser o responsável por essa integração-formação-transformação de propósitos comunicativos correspondentes ao referido gênero. Observamos, através da crônica, o surgimento de um “novo” projeto discursivo. Para melhor compreendermos essa construção *interesferas*, situemos na formação do gênero.

A crônica surge, inicialmente, com o propósito de relatar fatos do cotidiano, neste aspecto esse gênero se vincula à realidade concreta e próxima do sujeito-autor, fazendo com que se integre aos gêneros primários, os quais “[...] se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 263).

No entanto, o contato/diálogo com essa exterioridade/realidade imediata, vinculado ao meio de formação/propagação do gênero faz com que inicie um processo de (trans)formação, deixando de estabelecer apenas um contato discursivo imediato. Nesse sentido, outros propósitos foram assumidos, possibilitando, assim, uma reelaboração/reorganização de seu projeto discursivo. Isso porque o meio de produção/difusão do gênero, de algum modo, necessita desse contato imediato e constante com o/a cotidiano/exterioridade para continuar existindo.

Esse meio/discurso ao qual nos referimos corresponde ao ambiente jornalístico, propulsor da “multiplicidade discursiva” (p. 40), como bem destacou a pesquisadora, Socorro Barbosa (2007), em pesquisa realizada com periódicos (jornais) brasileiros do século XIX.

A mesma autora faz as seguintes apreciações:

Entre os vários papéis desempenhados pelos periódicos brasileiros no século XIX, temos o da consolidação da literatura brasileira, através da criação e disseminação de determinados gêneros, entre os quais a crônica e o conto. [...] Esse foi um longo percurso repleto de histórias, que consagraram alguns escritores, muitos dos quais foram jornalistas, como se sabe (BARBOSA, 2007, p. 47).

Temos um gênero que tem como encontro inicial o cotidiano, campo esse, correspondente aos gêneros primários (simples). No entanto, o surgimento e a consolidação da crônica tornaram-se possíveis através de um ambiente/meio considerado mais “desenvolvido” e “organizado”, o jornalístico. Acreditamos que esse fator faz da crônica um gênero, também, secundário (complexo). Isso porque não observamos um gênero primário

“incorporado” por outro gênero (secundário), mas sim a existência de um gênero “complexo” amarrado a uma ideologia de categoria “simples”. Esse ponto de vista exige que observemos a “incorporação” de gêneros primários, por gêneros secundários, de um modo mais amplo.

Analisamos essa incorporação não apenas como um “acolhimento”, como muitos estudiosos e pesquisadores propagam, utilizando como argumento alguns exemplos de gêneros apresentados por Bakhtin (2010). Lançamos, pois, um olhar discursivo mais amplo daquele que estamos acostumados, no que diz respeito à construção/incorporação das categorias de gêneros do discurso.

Nesse sentido, para a formação desse pensamento, temos como pressuposto a própria composição do enunciado, construído por outros tantos que jamais tivemos ou teremos a capacidade de delimitar em uma única ideia. Portanto, há sempre mais a se dizer sobre algo que já foi dito; e não seria diferente com o pensamento precursor do dialogismo.

Assim sendo, comungamos do seguinte argumento:

[...] a valorização das práticas socioideológicas do cotidiano, o pressuposto da uniformidade das forças que dinamizam ambas as esferas e a proposta de tratá-las em constante inter-relação assentam as bases para uma teoria das práticas socioculturais que não despreza o cotidiano, nem super-valoriza as esferas mais elaboradas. Não se perde numa fragmentação empiricista, nem se condena ao determinismo inexorável de grandes estruturas (FARACO, 2009, p. 64).

Isso posto, procuramos avaliar no gênero *crônica* a relação existente entre as esferas e os propósitos discursivos dessa construção, além, é claro, de (re)conhecer o autor (sujeito-cronista) responsável pelo dizer do gênero. Mas, para isso, devemos considerar a conexão estabelecida entre o sujeito-cronista e o “seu” cotidiano que, por sua vez, também integra o ambiente jornalístico-literário, além de manter a informalidade, o casual e o ar despreocupado, característicos do gênero.

Ressaltamos a existência de uma fronteira tênue entre a realidade imediato-concreta e a realidade ficcional, possíveis ao sujeito-autor. Uma característica que, a nosso ver, a crônica possui, já que ao leitor não compete à avaliação sobre o que pode ser ou não correspondente à realidade imediata/concreta e cotidiana do sujeito-cronista.

De fato, sendo o sujeito um ser dialógico, todo enunciado configura-se como uma reação-resposta a múltiplas vozes exteriores, que passam a ser interiorizadas e complexificadas pelos sujeitos nas situações de interação. As relações de sentido estabelecem, entre os interlocutores, infinitas possibilidades enunciativas, pois dispõem de toda a interação

verbal/discursiva possível e não somente daquela estabelecida face a face. Nisso, uma única palavra pode estabelecer relações dialógicas, desde que apresente uma posição de sentido; desde que represente o discurso de outro(s) sujeito(s). Portanto, a determinação da palavra/discurso dá-se pelos dois lados da interação: locutor e interlocutor, seja este real, seja presumido.

Assim, a noção bakhtiniana de gêneros do discurso, enquanto enunciado total, torna o falante um sujeito completo para o processo discursivo, um indivíduo organizado e significado por atos sociais, dizíveis através dos gêneros.

Esse entendimento surge por considerarmos a existência de um vínculo entre o sujeito-cronista e os fatos do “seu” cotidiano como sendo a razão de ser do gênero, com as possibilidades discursivas que o meio jornalístico e literário (juntos), foram/são capazes de proporcionar. Nesse caso, o jornal passa a ser visto não apenas como um suporte, mas, principalmente, como ambiente propulsor da formação/propagação de gêneros também literários.

Pensando assim, concordamos plenamente com o pensamento da pesquisadora, Socorro Barbosa (2007), ao defender a relação íntima entre a literatura e o jornal, este, compreendido “[...] não apenas como suporte de textos consagrados, escritos por autores ilustres, mas como elemento que, ao longo do século, foi o responsável pela criação de certos gêneros [...]” (p.16), dentre os quais, a autora cita a *crônica*.

Vale ressaltar que muitas mudanças ocorreram quanto à apresentação do discurso jornalístico, hoje, menos literário, talvez. Tal constatação reforça nosso interesse por estudar o referido gênero que, diferentemente de outros também provenientes do jornal, continua presente e marcando a ainda existente literariedade jornalística.

Para tanto, o estilo é o elemento para o qual direcionamos a devida atenção, pois acreditamos que, assim, poderemos compreender esse processo de renovação/reelaboração atribuído ao gênero *crônica*, em função de suas respectivas esferas comunicativas. Destarte, reafirmamos a ideia de que:

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento (BAKHTIN, 2010, p. 266).

Sabemos que nem todos os gêneros são tão propícios a impressão de marcas individuais. Mas, vale ressaltar, que por mais padronizada que seja a forma assumida por um gênero, nele, sempre existirá um estilo individual, pois “[...] a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 269).

Nesse aspecto, analisar o estilo de um gênero é identificar as marcas individuais deixadas pelos sujeitos; é observar como se organiza e é apresentado o discurso em determinados grupos humanos.

Segundo Bakhtin (2010), a maioria dos gêneros discursivos não apresenta o estilo individual como razão de ser, como seu objetivo, exceto os que pertencem ao ambiente artístico-literário.

Sobre a crônica podemos dizer que a construção do seu estilo ocorre de maneira complexa. Isso, por considerarmos a existência de uma inter-relação de formas típicas de enunciados, tanto de categoria primária como secundária, a partir de dadas esferas da comunicação discursiva, sobre as quais já refletimos.

Assim, o que observamos com a *crônica* é uma integração de enunciados (primário e secundário) e de estilos de linguagem (literária e não-literária) capaz de proporcionar a esse gênero uma plasticidade e flexibilidade tais, que não há como estudá-lo sem atentarmos para o reflexo dessa individualidade, logo, para o papel desempenhado pelo sujeito-autor, que neste caso, passa a ser tanto o responsável pelo dizer do gênero, como a razão de ser do mesmo, a motivação para a sua produção.

Sendo assim, no gênero discursivo *crônica*, aspectos como o olhar do sujeito (cronista) sobre o seu ambiente social (cotidiano), a forma como esse olhar é lançado, as esferas comunicativas com as quais ele interage e o tipo de relação estabelecida com os seus interlocutores, são de extrema importância para a compreensão do estilo, portanto, para a compreensão do gênero, afinal, “onde há estilo, há gênero” (BAKHTIN, 2010, p. 268).

Desse modo, acreditamos não haver outra relação senão a de reciprocidade, estabelecida entre o sujeito que escreve e toda a sua exterioridade, pois é desse tipo de relação/diálogo que advém o estilo próprio do gênero.

Com isso, consideramos que:

O estilo propriamente verbalizado (a relação do autor com a língua e os meios de operação com esta determinados por tal relação) é o reflexo do seu estilo artístico (o reflexo da relação com a vida e o mundo da vida e do meio

de elaboração do homem e do seu mundo condicionada por essa relação) na natureza dada do material [...] (BAKHTIN, 2010, p. 180).

Ao compreendermos o estilo como a relação estabelecida pelo autor com a sua língua, atribuindo sentido a si e ao mundo, não podemos deixar de fazer algumas considerações sobre um tema bastante discutido por Bakhtin e o Círculo, o do/da autor/autoria. Começemos, pois, pela distinção feita entre o *autor pessoa* e o *autor criador*, o que, para nós, é de suma importância, já que se integra de imediato às discussões até então apresentadas.

Assim sendo, atentemos para o posicionamento axiológico; este atribuído ao autor criador que, neste momento, passa a ser observado do ponto de vista da função estético-formal “[...] cuja característica básica está em materializar certa relação axiológica com o herói e seu mundo [...]” (FARACO, 2009, p. 89), lançando, desse modo, diversos olhares valorativos e construtores do todo estético ao qual se destina com sua obra.

Esse autor criador nos importa pelo posicionamento que ocupa, pelo seu ato artístico/criativo que reorganiza e age responsivamente com o seu mundo, a partir, claro, do recorte/viés feito pelo autor pessoa que, por sua vez, aparece sempre em face da outra autoria, pois, dialogicamente falando, não há enunciado sem uma máscara, portanto, há sempre um autor criador (axiologicamente marcado) na constituição de um enunciado.

Concordamos, pois, com Bakhtin, quando este apresenta o *autor criador* também como uma *segunda voz* (social) no discurso e não diretamente a voz do escritor enquanto autor pessoa, pois este, por si só, não tem o *dom do falar indireto*, “[...] O escritor é aquele que sabe trabalhar a língua estando fora dela [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 315). Esse *dom*, atribuído ao escritor (autor criador), é a marca individual, a imagem do artista/criador que assegura a unidade do todo artístico do discurso.

Dessa forma, não há outra coisa para se atribuir a totalidade artística senão ao *estilo*, do qual, em nenhum instante, nos desfazemos, afinal, como falar de autor/autoria sem, imediatamente, sermos remetidos ao estilo, à relação do homem com o seu mundo?

[...] o estilo artístico não trabalha com palavras mas com elementos do mundo, com valores do mundo e da vida; esse estilo pode ser definido como um conjunto de procedimentos de enformação e acabamento do homem e do seu mundo, e determina a relação também com o material, palavra, cuja natureza, evidentemente, deve-se conhecer para compreender tal relação (BAKHTIN, 2010, p. 180).

Vale lembrar que a existência de um autor criador não exclui o autor pessoa do processo de construção do enunciado; o que há é uma fronteira do ponto de vista artístico que os distinguem. Neste sentido, temos uma relação que se dá, inicialmente, entre o autor (pessoa) e a sua segunda voz (autor criador), estabelecendo desse modo um diálogo com o outro – ele mesmo – e que se estende a outras relações dialógicas, nas quais entram outras vozes, outros sujeitos do discurso, sejam reais, sejam potenciais.

Assim, observamos o quanto é importante compreendermos esse sujeito autor que cria e sustenta a unidade do todo artístico. Saber da existência de um autor-pessoa frente a um autor-criador é reconhecer que em todo enunciado há um posicionamento axiológico, há um autor mascarado, uma segunda voz que indiretamente intenciona direcionar o leitor para o seu modo de ver o mundo. Aí está a criação, o trabalho artístico com a língua.

Sobre a crônica – aqui apresentada como um gênero *interesferas* (jornalística e literária) – há algumas reflexões pertinentes a serem feitas sobre o papel do autor (cronista) da obra (crônica), em especial, ao modo como esse sujeito expressa o mundo, já que inclui nele a sua pessoa, a sua identidade enquanto sujeito escritor (pessoa). Ele faz de si o objeto para a composição do todo artístico no discurso.

Nesse pressuposto, poderíamos dizer que adentramos no que Bakhtin chamou de “realidade da consciência”? Pensemos:

Expressar a si mesmo significa fazer de si mesmo objeto para o outro e para si mesmo (a “realidade da consciência”). Este é o primeiro grau de objetivação. Mas também é possível expressar minha relação comigo enquanto objeto (o segundo estágio da objetivação). Neste caso, minha própria palavra se torna objetificada e recebe a segunda voz – a minha própria. Mas essa segunda voz já não lança (de si mesma) sombra, porquanto exprime uma relação pura, e toda carne objetivadora, materializadora da palavra foi cedida à primeira voz (BAKHTIN, 2010, p. 315).

Tais estágios podem ajudar a compreender o processo de criação artística pelo qual atravessa o sujeito autor do referido gênero. Destarte, considerando que há uma fronteira tênue entre a realidade imediata/concreta e a realidade ficcional do sujeito-autor, aqui já discutidas, devemos atentar para a participação e para a constituição do autor (pessoa/criador) no todo artístico da obra (crônica). Sendo assim, podemos refletir sobre as posições assumidas pelos autores (cronistas), geralmente, autodeclarados personagens de suas histórias e, conseqüentemente, autores criadores de suas narrativas.

Podemos dizer que o autor pessoa (um ente físico) e o autor criador relacionam-se de um modo um tanto quanto diferente. Não se trata de considerarmos que o sujeito interno

(autor criador), a segunda voz da obra, deixa de existir, afinal, segundo Bakhtin, não existe enunciado sem uma máscara e esta máscara apenas o autor criador pode assumir, já que tão somente a ele é atribuído o *dom* do falar indireto.

Acreditamos, pois, que o ente físico (autor pessoa) é descolado para o plano artístico, assumindo a posição de personagem, mas também a de dono da narrativa, portanto, igualmente a de autor criador; axiologicamente marcado; sustentador do todo artístico e indiretamente intencionado a direcionar o olhar do leitor para o seu olhar.

Esse processo é diferente do que acontece em inúmeros romances, por exemplo, nos quais o autor pessoa (o escritor do romance) não pode ser interpretado como autor criador, pois este será o “dono” da narrativa, aquele que assume posições, que assume uma máscara, “[...] um ente interno ao romance, puramente relacional; [...] uma voz social refratada esteticamente [...] uma posição socioaxiológica [...]” (FARACO, 2009, p. 94).

Nesse pensamento, cabe dizer que o propósito do gênero discursivo é o responsável pelo modo como compreendemos o sujeito-autor, logo, este não estabelece sempre as mesmas relações.



## 2 DO PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO À ANÁLISE: REFLEXÕES SOBRE O GÊNERO CRÔNICA A PARTIR DOS DADOS COLETADOS

Para a composição do *corpus* deste trabalho foram lidas 41 (quarenta e uma) crônicas, no período de 1º de janeiro até 29 de abril de 2012, publicadas no *Jornal da Paraíba*, na versão digitalizada da que é fornecida no modo impresso, destinada para o público nordestino, em especial, o paraibano. O referido jornal tem publicação diária, com exceção das segundas-feiras.

As crônicas coletadas pertencem a um mesmo autor, colunista do jornal, um sujeito fixo, que tem seus textos divulgados regularmente. No período observado, as crônicas foram publicadas três vezes por semana, aos domingos, terças e quintas-feiras de cada mês, com exceção do mês de março, durante o qual houve apenas duas publicações, para os dias primeiro e quarto, quinta-feira e domingo, respectivamente. Os dias subsequentes corresponderam ao período de férias do autor.

Após a leitura das 41 crônicas, 5 (cinco) textos foram sorteados a fim de que pudessem compor a última etapa deste trabalho, a análise. Vale ressaltar que os textos analisados, em nenhum instante, são apresentados como modelos do gênero *crônica*. Desse modo, estaria sendo desconsiderada a situação social na qual os textos foram e são produzidos para, enfim, constituírem-se gêneros do discurso mediadores e moduladores da interação verbal/discursiva entre os sujeitos.

Para tanto, procuramos avaliar as características discursivas que motivaram a produção desses textos/enunciados, a manifestação dessas motivações, o posicionamento axiológico do sujeito autor, a relação estabelecida entre os sujeitos da interação, neste caso, autor e interlocutor, as regularidades que marcam e representam as esferas de sua formação/produção e, ainda, aspectos que distinguissem ou não esse gênero de outros divulgados no mesmo meio/mídia/suporte.

Para uma melhor compreensão e apresentação de tais características, o processo teórico-metodológico formulado para a análise deste trabalho segue, na medida do possível e com as devidas adaptações, o modelo de análise exposto por Rodrigues (2005), por sua vez, respaldado na perspectiva bakhtiniana, teoria base de nosso estudo.

## 2.1 A DIMENSÃO SOCIAL DA CRÔNICA

A crônica, assim como outros gêneros divulgados no meio jornalístico, é publicada com regularidade, seja diária, seja semanalmente. Em se tratando dos textos analisados, estes possuem uma temporalidade de publicação semanal, divulgados três vezes por semana. O período de validade do jornal é de vinte e quatro horas, determinado pela publicação diária do mesmo. Apesar disso, podemos considerar que essa “validade” não se confirma com as crônicas analisadas, tanto pela sua temporalidade (publicadas três vezes por semana), o que a faz ganhar mais “tempo de vida”, quanto pelo teor do discurso, aquilo que o sujeito apresenta como tema para os seus textos/enunciados, já que, em sua maioria, observamos acontecimentos que não se limitam ao “hoje”, ao “agora”, ao “tempo presente” para se constituírem enunciados dizíveis do gênero.

Vale ressaltar que por serem, as crônicas, textos veiculados por uma mídia jornalística, a relação entre gênero e mídia pode ser encarada como sendo de opositores atraídos, haja vista ser a imagem do jornal um meio impositor para a exposição do que é destaque na sociedade, no dia de sua publicação.

Essa relação de oposição e ao mesmo tempo de atração pode ser compreendida pela liberdade que o gênero *crônica* possui, possibilitando ao sujeito, olhar, captar e construir temas, muitas vezes, ignorados aos olhos da sociedade que, nesse pequeno instante, para para observar o que um determinado sujeito cronista tem a dizer na sua leitura do real.

Além dessa característica, as referidas crônicas compartilham com outros gêneros o mesmo espaço, por sua vez, limitado, fator esse que resulta no dever imposto ao sujeito autor de expressar a si e o seu contexto da maneira mais *econômica* possível. No entanto, essa economia não influencia (ou não deve influenciar) na qualidade do olhar, do perceber e do narrar do cronista.

Na verdade, esse pequeno espaço oferecido pelo jornal é uma característica que deve ser refletida. Acreditamos ser esse aspecto o desafio diário do autor, pois o mesmo deve, apesar do espaço limitado, demonstrar a riqueza temática, estilística e composicional do gênero, portanto, do seu texto/enunciado e, com isso, chamar o interlocutor para o diálogo nele construído, ativando, assim, outras tantas reações e respostas, além das previstas pelo jornal na sua temporalidade discursiva diária.

Vale salientar que, assim como outros gêneros produzidos e divulgados no ambiente jornalístico, a relação/interação do sujeito autor (cronista) com seu interlocutor (leitor) “[...] não acontece no mesmo espaço e tempo físicos; também não ocorre ‘de pessoa a pessoa’, mas

é ‘mediada’ ideologicamente pela esfera do jornalismo [...]” (p. 170), declara Rodrigues (2005) ao falar sobre o meio jornalístico.

Essa ideologia pode ser observada no que diz respeito ao interesse para com os leitores/consumidores da respectiva empresa jornalística a qual assume a posição de instituição regulamentadora do espaço e do discurso atribuídos ao gênero.

Com isso, esse veículo, o jornal, passa a agir “[...] como um leitor e autor interposto entre o articulista e os leitores” (RODRIGUES, 2005, p. 171). Isso porque, além do espaço rigorosamente estabelecido pela empresa para a divulgação das crônicas, há a leitura e a concordância com a publicação dos textos, realizadas pelo sujeito editor-chefe da redação, um representante da instituição jornalística, neste caso, do *Jornal da Paraíba*.

Quanto à topografia das crônicas, é reservada para o gênero a seção *Opinião*. Este dado é de suma importância, de modo que nos chama a atenção para a maneira como esse gênero é interpretado, já que passa a ser visto e apresentado pela empresa jornalística como uma construção discursiva marcadamente tendenciosa e não apenas para o deleite ou lazer literário dos seus leitores.

A crônica compartilha o mesmo espaço/seção do gênero artigo, por exemplo, que assim como outros da mesma seção, são reconhecidos ao longo da história como enunciados axiologicamente orientados para a apresentação de uma posição de valor sobre aspectos e eventos da sociedade que mereçam destaque.

Com isso, todos os envolvidos neste processo de interação verbal/discursiva passam a compartilhar o mesmo horizonte temático e axiológico, pois esse posicionamento é recebido, reconhecido e aceito como tal.

A localização da crônica em determinada seção explica a participação do jornal na autoria do gênero, enquanto entidade posicionada e interposta, uma face ideológica claramente percebida, aquilo que Bakhtin (2002 apud RODRIGUES, 2005) apresenta como sendo a “postura do autor”, relacionada com sua responsabilidade discursiva. Dessa maneira, concordamos que

O trabalho de seleção e divisão desse universo em cadernos, seções, rubricas e suplementos já é um ato temático, estilístico e composicional, pois esse ato de segmentação, além de selecionar e ‘rotular’ o que pode fazer parte de cada caderno, seção, é um índice de produção e interpretação indispensável dos enunciados individuais e dos gêneros (RODRIGUES, 2005, p. 171).

Como especificamos anteriormente, as crônicas observadas foram produzidas por um mesmo autor, que assume a posição de colunista, sendo um colaborador fixo do jornal que

utiliza o espaço a ele reservado para revelar “através de crônicas, acontecimentos do cotidiano do povo nordestino com um misto de política e literatura”, declara a voz do jornal, em uma breve apresentação sobre a colaboração e o estilo do autor<sup>3</sup>.

Vale ressaltar que tal sujeito se posiciona em seu contexto social como jornalista, escritor e atual presidente da Academia Paraibana de Letras, o que lhe confere determinados argumentos correspondentes às autoridades que por ele estão sendo representadas discursivamente. Com isso, esse sujeito passa a possuir determinados poderes discursivos e ideológicos para com os leitores/consumidores do jornal.

Observamos que esse autor participa efetivamente das esferas jornalística, literária e política, trazendo também consigo e apresentando em seus textos/discursos, uma ideologia voltada para o aspecto cotidiano, como bem destaca a voz do jornal, o “cotidiano do povo nordestino” sobre o qual dialoga e se insere o autor.

Cumprir dizer que as crônicas, assim como outros textos publicados no jornal na versão impressa, são postadas, também, no site da referida empresa jornalística. Esse outro espaço de publicação faz com que o jornal aumente sua audiência e ganhe, portanto, mais interlocutores, já que qualquer sujeito que tenha acesso à internet pode tornar-se um interlocutor do jornal, de seus colunistas e respectivos gêneros produzidos.

Em se tratando das crônicas, sobre as quais nos detivemos a observar, o interlocutor precisa conhecer o ambiente retratado pelo cronista para ativar as reações-respostas necessárias à compreensão do enunciado construído, pois como já apresentado, a motivação para esses textos nasce do cotidiano pertencente ao sujeito-autor das crônicas.

Portanto, conhecer as relações sociais, os ambientes (físicos e discursivos), os sujeitos e a linguagem retratados pelo autor passam a ser fundamentais para a efetivação do diálogo, logo, para a compreensão do discurso apresentado.

Temos, portanto, um sujeito escritor (autor pessoa) que se apresenta como o próprio narrador (autor criador), fator esse que faz dele também um representante desse povo nordestino, pois é a partir do seu contexto/cotidiano, do seu olhar e da sua linguagem que a narração é construída. Desse modo, há a formação e a apresentação de um discurso que tem por base um ângulo subjetivo de interpretação e, através do qual, dadas realidades são recriadas.

A produção discursiva, formada na recriação ou na reapresentação subjetiva daquilo que se apresenta como realidade para o indivíduo, pode ser vista como sendo o caráter ou o

---

<sup>3</sup> A apresentação deste e de outros colunistas do referido jornal pode ser visualizada através da URL: <http://jornaldaparaiba.com.br/blogs/colunas>.

estilo literário construído pelo sujeito autor do gênero. Tal estilo pode ser observado em todos os textos analisados o que faz com que este autor seja inserido e mantenha-se de modo efetivo na esfera literária atribuindo, pois, ao seu discurso, a credibilidade e a qualidade artística. A partir disso, concordamos em dizer que há na construção desse estilo um diálogo que

[...] equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados [...] como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado [...] sempre numa determinada circunstância [...] sentido específico de pequeno acontecimento do dia-a-dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante (SA, 2008, p.11).

Portanto, seus interlocutores o reconhecem, tanto sob o ponto de vista social, quanto profissional, como um sujeito formador de opinião e competente linguística e artisticamente para transformar aquilo que seria, a princípio, apenas um texto escrito em uma conversa solta, com a aparência de diálogo casual e através do qual pode expressar algo considerado sem importância aos olhares comuns.

Ele (autor) aproxima o discurso do gênero ao seu interlocutor (leitor) que, por conseguinte, entende a mensagem e age responsivamente ao dizer do gênero. Nesse sentido, é atribuída a este autor uma posição privilegiada correspondente às esferas nas quais ele interage discursivamente. Sendo assim, esse sujeito se torna do ponto de vista social

[...] um autor de elite, pois é um leitor selecionado e autorizado pela empresa jornalística para assumir a palavra; está, portanto, em uma relação de superioridade, em uma situação de interação vertical), o articulista incorpora o *ethos* da competência social e discursiva, angariada pela sua circulação na mídia e pela função profissional exercida. O articulista é visto como um sujeito competente também para aquilo que diz. Ele incorpora a aura da competência sociodiscursiva (RODRIGUES, 2005, p. 172).

Levando em consideração o até então exposto, podemos dizer que a autoria e a entonação das crônicas representam a imagem da instituição. Ou seja, o tom autorizado, através do qual temos uma pessoa devidamente reconhecida pela empresa jornalística, associado ao tom artístico-literário e politizado, construídos por um sujeito devidamente posicionado tanto nos aspectos social, cultural, quanto profissional. Estes fatores colaboram para a formação e à apresentação da imagem que a empresa, o meio de divulgação desses textos/enunciados, quer transmitir sobre os acontecimentos do seu povo, o nordestino. Isso,

graças à concordância com a ideologia assumida pelo autor, pois sem esse consentimento ideológico não haveria sequer envolvimento profissional e, portanto, a autoridade do sujeito autor não seria legitimada pela empresa jornalística.

Esse tom politizado, ao qual nos referimos, está presente na maioria das crônicas observadas, seja em maior, seja em menor grau. Com isso, constatamos a participação desse sujeito na esfera política. Essa participação não faz desse autor, no entanto, um crítico partidário, como se poderia pensar, ou ainda um indivíduo que se coloca social e discursivamente com sendo um ser politicamente correto.

Podemos dizer que essa entonação confere ao seu estilo uma expressão casual no tratamento de aspectos políticos e culturais da sociedade. Assim, observamos a exposição de temas, muitas vezes, descartados como objeto de reflexão social. Essa característica, perceptível em boa parte das crônicas deste autor e presente em tantos textos de diversos outros autores, confere ao gênero um “[...] valor sociológico [...]” (SÁ, 2008, p. 19).

Essa maneira de expressar-se pode ser entendida, ainda que indiretamente, como deveres dos sujeitos que vivem em sociedade e que, assim como o referido autor, expressam suas participações na vida política através da demonstração discursiva (indireta) de um cidadão e escritor politizado.

Estas reflexões podem ser encaradas como hipóteses para o modo como o discurso é apresentado nas crônicas, pelo autor. Para tanto, recorreremos às máscaras que, segundo Bakhtin (2010), todo enunciado apresenta e através das quais as intenções do autor criador são configuradas. Por isso, há sempre um autor criador axiologicamente marcado na constituição de um enunciado.

Cumpramos ressaltar que essa entonação, esse tom politizado, verificado nas crônicas, não aparece por imposições políticas, expressas aos seus interlocutores linguisticamente. Esse tom pode ser compreendido como a apresentação de diálogos possíveis, inclusive, aos ambientes informais, como, por exemplo, uma conversa de esquina, de bares, no lar – pelo diálogo em família – e tantos outros ambientes e gêneros discursivos que possibilitem o surgimento desse discurso, o reconhecimento social desse sujeito e a sua interação como garantias do argumento de autoridade observado no enunciado.

## 2.2 A DIMENSÃO VERBAL DA CRÔNICA

No que diz respeito ao horizonte temático apresentado nas crônicas, esse é determinado pela posição social e ideológica assumida pelo sujeito autor. Podemos dizer que

sua finalidade é chamar o leitor para uma conversa, durante a qual, determinadas situações particulares passam a servir para o interlocutor como “símbolos” ou metáforas no processo de interpretação das situações consideradas universais ou de maior amplitude no âmbito social em que se inserem os interlocutores.

O interlocutor sente-se cativado pelo modo como o cronista expressa/narra sua participação neste mundo, no qual o leitor presumido pelo autor também está inserido, fator este que justifica o interesse daqueles que se detêm a ler seus textos regularmente, tornando-se leitores fixos e estabelecendo, assim, aquilo que podemos chamar de elo discursivo-ideológico.

Com isso, o horizonte temático do gênero não se limita a acontecimentos sociais próprios do meio jornalístico de divulgação. As crônicas analisadas não apresentam temas que foram destaque ou manchete no referido jornal na época de suas publicações, o que nos faz considerar que o autor dispõe de certa liberdade na construção do objeto do seu discurso. Portanto, toma como base fundamental para a produção do gênero uma posição social tal que lhe confere assumir e perceber realidades.

A partir do seu olhar, o autor constrói e constrói-se no discurso, afinal, pode ser isso que se espera de um cronista: “[...] captar com maior intensidade os sinais da vida que diariamente deixamos escapar” (SÁ, 2008. p.12).

Os temas expressos nas crônicas estão vinculados às esferas de atuação do sujeito autor, sendo a partir desses ambientes que ele se posiciona, constrói o seu estilo e apresenta a sua autoridade jornalístico-político-literária, sem deixar de lado, é claro, o cotidiano como ambiente-espaco motivador do seu discurso.

Sendo assim, observamos em um dos textos (crônica A)<sup>4</sup> que o articulista posiciona-se como um sujeito comum, avô, por exemplo. Tal característica confere ao discurso e, conseqüentemente, ao gênero, seu caráter cotidiano, aproximando, assim, autor e leitor. A crônica (A) traz como enredo uma viagem, durante a qual alguns parceiros da narrativa são citados:

Botamos os pés na estrada, ou seja, a van dos nossos dias, no penúltimo entardecer de 2011. Arranjo-me no primeiro banco, ao lado do motorista [...]. Velha estrada de tantas idas e vindas, por onde sempre voltei em cima dos pés, quer dizer, indo sem vontade, sem alegria, sem desejo de ficar. [...] Agora o clarão é de incêndio grande assustando um dos netos que, como a gente de meio século atrás, ainda recorre a Recife para o embarque. [...]

<sup>4</sup> As crônicas analisadas estão denominadas, no decorrer do capítulo, como: crônica A, crônica B, crônica C, crônica D e crônica E. Essa referência poderá ser conferida na exposição completa dos textos, nos anexos.

Explico ao neto que não é nada. É queimada dos tocos de cana, a mesma a que se referem os cronistas dos primeiros plantios, muitos deles com palavras de condenação (§§ 1, 2, 3, 4).

Podemos dizer que os parceiros citados ganham o *status* de personagens da narrativa como, por exemplo, o motorista e um dos netos. Em meio ao acontecimento narrado, aparentemente livre de qualquer motivo social, o autor passa a refletir sobre as mudanças físicas, históricas, filosóficas e ideológicas ocorridas no percurso (estrada) de sua viagem:

E fiquei ruminando, em silêncio, sobre esse tipo de mudança tamponada com cimento e asfalto. De alargamento, conforto e segurança, margens e interior adentro na mesma antiga paisagem. O que teria sobrado para os que andam fora estrada? Quilômetros atrás tínhamos passado sob uma passarela destinada a pedestre. Estava ali a resposta mais à vista, sem outras preocupações e exames (§§ 6, 7).

Observamos, nesta crônica, um olhar atento às minúcias, preocupado com a reflexão de aspectos geralmente sufocados por tantos outros considerados de maior preocupação social, de maior destaque, haja vista ganharem visibilidade nas capas dos jornais e/ou revistas e outros meios de divulgação.

O autor toma como objeto do seu discurso (crônica A) uma situação particular, por ele vivenciada, mas que pode ser compreendida como uma metáfora cotidiana, possível a tantos outros sujeitos que passaram ou passarão pela mesma situação, no entanto, podem não atentar para tais reflexões, engendradas pelo autor através do gênero, mas, que a partir do contato com esse discurso/gênero, poderão ser estimulados a ativar estas e inúmeras outras reações e respostas.

Em outro momento (crônica B) observamos o autor-representante de uma sociedade, que com dada autoridade e poder cultural/artístico aferido a sua pessoa e refletido na sua palavra/discurso, constrói a cena contextual de sua representação:

Não, desta vez a revista dos Civitas não foi preconceituosa: na lista por ela formada dos 50 grandes brasileiros 'que ajudaram a construir o Brasil e que ainda inspiram as gerações atuais na tarefa de antecipar o futuro' aparecem 12 nordestinos. Na verdade, não havia como evitar [...]. De qualquer modo não puderam se furtar à leitura e consideração do papel do Nordeste no cenário cultural e político da nação. [...] Para só falar no pensamento social e político cultivado e praticado pelo discurso e a ação desses nordestinos (§§ 1, 2, 6, 7).



Neste momento, outras autoridades são relacionadas ao seu discurso e ao seu cotidiano, apresentando, com isso, argumentos em favor do seu povo. Trocando em miúdos, tais argumentos demonstram a importante contribuição da sua nação, a nordestina, sob diversos campos sociais ao processo de construção da identidade do seu país, apesar de nem sempre ter o reconhecimento de determinados sujeitos, como o próprio autor destaca nos momentos finais de sua crônica:

[...] Não entra na conta, obviamente, o substrato social e político da literatura espalhada no mundo pelos nordestinos. A literatura que fez as nossas cabeças e fixou, geração após geração, a nossa visão e sentimento do mundo. Apesar de parecer mal escrita a um poeta da pureza de Drumond. Pureza artística, mesmo assim incapaz de anular os surtos do preconceito. ‘Como esses nordestinos escrevem mal’ - desabafou em carta a Ciro dos Anjos, seu confidente mineiro (§ 7).

Neste texto (crônica B), o autor utiliza, mais uma vez, como objeto do seu discurso, uma situação particular, neste instante, correspondente aos acontecimentos considerados importantes ao saber social, político, cultural e literário do povo nordestino. A instância retratada (representada pela região/sociedade nordestina) serve como razão motivadora de uma discussão que se eleva ao âmbito da sociedade brasileira. Podemos dizer que o autor apresenta-se como autoridade regional e ativamente responsiva a estas e outras (re)ações, nas quais outros sujeitos (nordestinos) possam estar sendo envolvidos, por meio do discurso jornalístico e literário, por exemplo.

O jornalista, o escritor, o sujeito de cultura política e social reconhecidamente expressivas são retratados na terceira crônica analisada (crônica C). Neste texto o autor, no uso de sua atribuição político-social, retrata ao seu interlocutor a atual cena política do seu Estado. No entanto, esse cenário político está longe de ser considerado um tipo de *performance* de partido a ou b, ou de comentários sobre as ações governamentais.

O autor traz, como motivação para a construção da sua crônica, novamente, um acontecimento particular, na raia de suas ações sociais cotidianas. Tal situação tornou-se conhecimento do público nordestino, pois fora noticiado em alguns blogs e sites de colegas jornalistas, além, é claro, da empresa jornalística, *O Jornal da Paraíba*, que deixou expressa sua “opinião” sobre o acontecido, por intermédio de outro cronista do referido jornal com o qual o cronista partilha da mesma seção.

Esse fato ocorreu quase um mês antes da produção desta crônica (C), o que nos faz remeter a não obrigação do gênero/autor em se deter aos acontecimentos atuais, aquilo que será notícia no dia da publicação do jornal. Isso porque o gênero possibilita ao sujeito autor

tomar como objeto de seu discurso algo fora da atualidade ou da validade temporária do meio jornalístico.

Essa atemporalidade é expressa pelo próprio autor da seguinte forma: “Ricardo Coutinho, o governador, não me deixou assistir à sessão solene que a Fundação Laureano promoveu, na noite de 23, aos 50 anos do Hospital. Estava de férias e chego atrasado para falar nisso” (§ 1).

Apesar de o texto estar ligado a um determinado acontecimento da vida social do autor, de ter ocorrido em um momento bem anterior ao da produção do gênero e, por isso, de ser uma resposta ao fato aguardada por seus leitores, o enredo da crônica não se detém a certos esclarecimentos como, por exemplo, onde/como tudo ocorreu, as razões motivadoras, quais os participantes da situação, bem como outras informações do tipo. Caso isso ocorresse este texto/enunciado poderia ser considerado uma reportagem, não uma crônica, portanto.

Podemos considerar que, na apresentação de um discurso fora da validade temporária do jornal, o autor utiliza, inteligentemente, recursos estilísticos que contribuem para o caráter dialógico do gênero e do seu tema. Para tanto, devemos considerar que o fato em si não remete à atualidade, ao momento da produção do gênero. Porém, a ausência (férias) do colunista do jornal possibilitou ao tema do discurso o que consideramos ser uma espécie de *atualização temática*, pelo fato de o autor não ter se expressado sobre a situação no momento da sua ocorrência.

O acontecimento em si, para o meio jornalístico, não é considerado atual, porém a resposta sim, dialogicamente falando. Consideremos que ao autor não interessou dizer aquilo que outros já disseram, mas sim dizer o mesmo de outra forma, atribuindo ao acontecido suas percepções, olhares e reflexões. Vejamos como o autor tece o discurso:

Vereador, deputado, mesmo prefeito, Ricardo não era desses procedimentos. Raro o ajuntamento, solene ou popular, que a cle o “mago” não viesse juntar-se. Adivinhava a ocasião em que se fazia necessário. Ocasões nem sempre chamativas, de grande público, como a que vivemos juntos quando o governo de Maranhão mandou cortar, por inadimplência, a luz da Prefeitura de Chico Franca. Eu era assessor de imprensa de Chico, filho de Damásio. [...] Estávamos, então, à luz de velas, no gabinete antigo do prefeito, quando vem juntar-se a nós, com a mesma reação ao ato insólito, o Ricardo vereador. A Prefeitura não era de Oposição, pois Chico nunca foi disso, mas estava em mãos de outro partido que não o do governo. E descuidara-se, havia várias gestões, da conta de luz acumulada aos montes. Ricardo não era do partido de Chico, até o combatia, mas foi abraçá-lo. Agora, tantos anos depois, era de que eu me lembrava ao participar da mesa que presidia as solenidades ao Laureano, desfalcada da presença do governador. Ou do seu representante [...] (§§ 2, 3, 4).

O autor retrata a cena política do seu contexto social, tomando como base motivadora para isso, sua situação particular. Para tanto, utiliza-se de regressões, de lembranças, das quais o sujeito -- citado no início do texto como o propulsor do fato -- faz parte.

Tais regressões mostram-se imprescindíveis para a ativação das respostas de seus interlocutores, pois, a partir delas, o autor tece seu discurso, discretamente intencionado a direcionar o olhar do leitor para o seu olhar. O autor transforma o (seu) passado em caminho fundamental para a compreensão do (seu) discurso presente (momento da produção do gênero).

Em seguida, no quarto texto (crônica D), percebemos o aprendiz, aquele que sai um pouco da cena narrada para dar voz a outras autoridades por ele reconhecidas. O enredo da sua crônica traz, mais uma vez, as lembranças como um recurso de construção do gênero, apresentando, assim, um percurso de suas memórias escolares e vivências literárias. Esse percurso demonstra diversos aprendizados que certos momentos da sua vida puderam proporcionar para a qualidade e à quantidade de suas experiências enquanto sujeito social.

Nesse enredo, o autor põe em destaque duas vozes, vinculadas ao seu cotidiano, a saber: a voz da D. Nininha e a do poeta, Augusto dos Anjos. A forma como essas vozes são apresentadas lhes conferem o *status* de objetos da admiração do autor. Vale ressaltar que o poeta Augusto dos Anjos é citado e tematizado em muitas crônicas do autor, alçado a representante da qualidade literária do povo nordestino, qualidade esta expressa pelo autor em outro texto (crônica B). Temos, portanto, uma admiração (re)conhecida a partir de seu contexto social.

A ocorrência recorrente ao escritor, Augusto dos Anjos, por exemplo, confere um tipo de liberdade na construção do discurso do autor a qual lhe possibilita outros caminhos, outros olhares, proporciona-lhe a expressão da subjetividade. Uma liberdade subjetiva possibilitada pelo gênero -- dada pela sua formação -- e aceita pela empresa jornalística na qual o escritor se vincula. Observamos como o autor inicia o processo de aproximação dos sujeitos alçados a objetos de sua admiração:

D. Nininha foi aluna particular de Augusto dos Anjos, na rua General Osório. Da janela onde vinha limpar a vista, na rua principal de Alagoa Nova, D. Nininha me viu passar com o EU debaixo do braço, creio que uma edição das Bedeschi de 1947, quando a carreira do livro começava a disparar, e que atinge hoje a 48ª pela Bertrand-Brasil (§ 1).

Como vemos, o texto apresenta como objeto do seu discurso, novamente, uma situação particular, cotidiana, consequência de sua expressão altamente subjetiva sobre determinados sujeitos, pertencentes ao seu contexto social, expressados como personagens reais e importantes à sua subjetividade e à expressão literária, e contribuindo, pois, para a formação da sua autoridade.

No quinto e último texto observado (crônica E), o autor apresenta seu discurso tomando como razão motivadora para a sua construção, a sua cor. Novamente as lembranças são utilizadas para direcionar o olhar do leitor a momentos da sua infância e da sua juventude, tendo como base propulsora as situações em que a cor da sua pele foi evidenciada:

Não ficou na lembrança, a primeira vez que me chamaram de negro. Não devo ter sentido qualquer ofensa. [...] Entre a adolescência e a primeira juventude, decorridas no caldeamento de Campina Grande, estuário mais que regional das ambições comerciais e culturais dos meus anos de formação, a menção à minha cor, que me lembre, só se deu quando tive de tirar, na polícia, uma pré-identidade [...]. Negro, mesmo, só comecei a ser chamado a partir da Casa do Estudante (§§ 1, 2, 3).

Com isso, podemos considerar que o autor coloca-se como metáfora para tantas outras situações, possivelmente vividas por outros sujeitos. Confere, pois, ao seu discurso, um caráter político-social que apresenta aspectos da sociedade, muitas vezes, esquecidos em meio a recorrências e a visões dissimuladas da realidade, como a desigualdade social:

[...] Como explicar um país composto metade de negros com uma participação tão diminuta nos serviços maneiros? Olha-se em redor, e o negro é exceção, só rompida à força de circunstâncias muito pessoais que o consentem ser visto assim mesmo, quando sobem, com ‘alma de branco’. [...] No papel, todos são iguais, mas a realidade, mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos. A corrida será por muitas gerações ainda de desiguais (§§ 5, 6).

Seu objeto de discurso é constituído com base em uma situação particular, cotidiana, mas que se eleva ao aspecto social mais amplo. O autor se coloca como personagem, uma metáfora para a compreensão da história do negro no seu país:

No Pio XI campinense, meu primeiro colégio, negro era fruta rara. [...] Na corrida pela escola, pelo emprego, pela vida social a conjuntura negra arca com quatrocentos anos de escravidão e de discriminações dissimuladas [...] (§§ 4, 6).

Observamos através dos diferentes propósitos apresentados pelas crônicas analisadas, a construção de um elo entre autor e leitor, um diálogo, portanto. Porém, isso está longe de ser considerado apenas a transcrição de uma conversa, se assim fosse, deixaria de ser também um gênero da esfera literária, através da qual o autor tem a possibilidade de atribuir à crônica vários aspectos da “ficcionalidade” em meio à realidade por ele observada.

A partir dessas bases, são apresentados os temas, muitas vezes, subentendidos e projetados por proposições iniciais que conduzirão o leitor a outros temas, por sua vez, mais amplos e complexos. No entanto, a forma como o autor conduz essa “conversa” faz com que o leitor nem sempre perceba o seu real propósito. Uma intenção implícita que confere ao sujeito autor o *dom do falar indireto*, afinal, “[...] O escritor é aquele que sabe trabalhar a língua estando fora dela [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 315).

Tal característica demonstra os recursos utilizados pelo autor ao transmitir seu posicionamento diante do gênero e das esferas de sua atuação. Sobre isso, Rodrigues (2005) declara que a “[...] posição do autor vai se construindo pelo modo diferenciado de incorporação e tratamento que dá às diferentes vozes (outros acentos de valor) arregimentadas no seu enunciado, que recebem diferentes valorações” (p.174). Na exemplificação de análise do gênero artigo, Rodrigues (2005) observou a manifestação de dois movimentos dialógicos, a saber:

[...] a incorporação de outras vozes ao discurso do autor, avaliadas positivamente, ‘chamadas’ para a construção do seu ponto de vista, que se denominou *movimento dialógico de assimilação*; e o apagamento, distanciamento, isolamento, desqualificação das vozes às quais o autor se opõe, que se denominou *movimento dialógico de distanciamento* (p. 174).

A verificação desses movimentos dialógicos interessa-nos por estarmos analisando um gênero que tem como meio de divulgação a esfera jornalística, socialmente reconhecida como sendo um discurso marcado pelo diálogo, pelo chamado de outras vozes, pois tem como objetivo informar sobre algo ao seu leitor. Para isso, (a)colhe outros discursos, proporcionando a informação que o leitor “deve” saber; uma instância jornalística que inicia o processo de enquadramento do discurso, assimilando ou distanciando as diversas vozes apresentadas.

Portanto, conscientes de que para a divulgação das crônicas analisadas é oferecida a seção *Opinião*, fazendo com que o gênero compartilhe do mesmo espaço com outros gêneros socialmente reconhecidos por propósitos valorativos e entidades condutoras de um ponto de vista como, por exemplo, o gênero artigo, interessou-nos observar se esses movimentos

dialógicos estão manifestados nos textos coletados e, conseqüentemente, conhecer os recursos utilizados pelo autor na incorporação das vozes chamadas ao discurso.

### 2.2.1 Movimentos dialógicos

Logo, constatamos a presença irrefutável do movimento dialógico de assimilação, pois, segundo Rodrigues (2005), o acúmulo da autoria é o primeiro aspecto desse movimento. Como já discutido anteriormente, a empresa jornalística, delimitadora do gênero, funciona como um “autor interposto”, dando sustentação na responsabilidade jornalística pela divulgação das crônicas e da autoridade assegurada ao autor.

Nesse pressuposto, ao reafirmarmos o caráter dialógico do gênero, devemos atentar para o papel do leitor na participação do acúmulo da autoria, pois ao autor é conferido o objetivo de atingir de modo efetivo seu interlocutor, o leitor, pois, do contrário, a comunicação não seria estabelecida. É pensando nesse possível leitor que o cronista tece seu texto e utiliza o diálogo como estratégia base da solicitação da colaboração desse interlocutor/leitor à realização do processo comunicativo.

Outro aspecto, também de grande relevância ao movimento de assimilação, é a relação que o autor mantém com as suas esferas de atuação, pois, por elas, o discurso, o gênero e o ambiente de produção são assimilados e reconhecidos como elementos para a formação do argumento de autoridade.

[...] O jornal e a esfera social e/ou setor social de onde fala o autor são os dois ‘pilares’ que sustentam a opinião do articulista e que, pelas condições da situação de interação, são a grande regularidade que se encontra na forma de assimilação do discurso do outro para a construção e sustentação da opinião (de certa forma, são eles que enquadram o discurso do articulista) (RODRIGUES, 2005. p. 174).

Esses enunciados já-ditos confirmam as relações dialógicas apresentadas pelo gênero e oferecem credibilidade ao discurso, pois o autor os escolhe como sustentação para a sua fala.

Das cinco crônicas coletas, utilizamos duas nas quais esse tipo de sustentação ideológica se fez presente. Com isso, podemos refletir sobre a relação dialógica que o autor do gênero pode estabelecer através da recorrência a outros enunciados (já-ditos) no processo de manutenção ideológica do seu discurso.

### 2.2.1.1 Manifestação do movimento dialógico de assimilação

Como exemplo da presença do movimento dialógico de assimilação, o autor, em um dos seus textos (crônica B), chama a voz da autoridade de “[...] a revista dos Civitas [...]” (§ 1) que

[...] desta vez, não foi preconceituosa: na lista por ela formada dos 50 grandes brasileiros “que ajudaram a construir o Brasil e que ainda inspiram as gerações atuais na tarefa de antecipar o futuro” aparecem 12 nordestinos. Na verdade não havia como evitar [...] (§§ 1, 2).

A essa voz é conferida, no âmbito da sociedade brasileira, importante autoridade, pois foi atribuída, por ela mesma, a ação de selecionar brasileiros (cinquenta) “[...] ‘que ajudaram a construir o Brasil [...]’” (§ 1). Dessa forma, várias esferas sociais passam a fazer parte desse discurso, já que diversos campos da sociedade passam a ser observados na busca por esses “representantes”.

Vale ressaltar que, neste momento, o autor cita o discurso da autoridade de forma direta, verificado através das aspas: “[...] ‘que ajudaram a construir o Brasil e que ainda inspiram as gerações atuais na tarefa de antecipar o futuro’ [...]” (§ 1). A citação direta desse discurso, em meio à fala do cronista, pode querer levar o leitor a entender como essa autoridade age no meio social, atribuindo a si mesma determinada importância.

Esse discurso demonstra a função social da autoridade neste momento: listar os cinquenta brasileiros “[...] ‘que ajudaram a construir o Brasil e que ainda inspiram as gerações atuais na tarefa de antecipar o futuro’ [...]” (§ 1). Através desta ação tal autoridade envolve todos os contextos sociais, pois esses passam a ser analisados e representados por determinados sujeitos, alçados a entidades fundamentais no processo de construção do país.

A relevância social da referida autoridade pode ser percebida no modo como o autor apresenta seu discurso. No entanto, percebemos que há certa crítica, lançada à autoridade, devido a um determinado posicionamento por ela assumido. Constata-se, pela voz do autor, a necessidade de dar mais visibilidade e maior importância ao povo nordestino na construção do país. Neste aspecto, vale ressaltar que, segundo a voz/visão do autor, a autoridade citada é considerada preconceituosa, com exceção da última lista publicada, na qual doze nordestinos foram listados e, por isso, “[...] desta vez, a revista dos Civitas não foi preconceituosa [...]” (§ 1), fato este que aproxima a voz da autoridade citada ao discurso construído pelo autor.

Ao final do texto (crônica B), o autor chama outra voz de autoridade. Nesse instante, ele passa a refletir sobre a contribuição do povo nordestino no seu aspecto literário: “A

literatura que fez as nossas cabeças e fixou, geração após geração, a nossa visão e sentimento do mundo” (§ 7).

A essa voz de autoridade chamou “[...] um poeta da pureza de Drumond” (§ 7), no entanto, essa voz não corrobora o que o autor “defende” em seu texto, no que diz respeito à escrita literária do seu povo, pois para a autoridade citada os “[...] ‘nordestinos escrevem mal’” (§ 7).

Apesar disso, essa voz é apresentada pelo autor como autoridade literária reconhecida, talvez porque não coubesse ao autor da crônica ou não quisesse este sujeito, desqualificar essa autoridade em sua fala, não seria essa a sua real intenção. Porém, o que poderia ser compreendido como uma contrariedade à ideologia apresentada pelo autor corresponde, na verdade, a uma estratégia do movimento dialógico de assimilação, pois o autor apresenta o discurso da autoridade como sendo preconceituoso, assim como a voz da “[...] arbitragem paulistana [...]” (§ 4), por tantas outras vezes anteriores não ter dado o devido reconhecimento, no que se refere à contribuição dos nordestinos ao processo de construção do país.

A voz de autoridade, o “[...] poeta da pureza de Drumond” (§ 7), é assegurada pelo autor como: “Pureza artística, mesmo assim, incapaz de anular os surtos do preconceito” (§ 7). Portanto, o discurso desta voz não está sendo colocado como verdade, assim, o autor estaria desqualificando o seu próprio discurso. O que temos é a demonstração de visões preconceituosas sobre algo que necessita ser realmente (re)pensado, no caso, a qualidade literária da escrita nordestina.

### 2.2.1.2 Manifestação do movimento dialógico de distanciamento

Com o objetivo de encontrar traços que isolassem a orientação valorativa do outro e confirmassem a presença do movimento dialógico de distanciamento nas crônicas analisadas, apresentamos outro texto (crônica D), através do qual conseguimos perceber “[...] o chamamento de outras perspectivas que não têm ou não adquirem no enunciado do autor o estatuto de credibilidade” (RODRIGUES, 2005, p. 175). Nesse caso o autor não determina a voz:

Os que defendem a ascensão pelo mérito esquecem ou não têm memória das condições históricas em que o colonizador de todos tempos se relacionou com o negro. Na corrida pela escola, pelo emprego pela vida social a conjuntura negra arca com quatrocentos anos de escravidão e de discriminações dissimuladas. No papel, todos são iguais, mas a realidade,



mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos. A corrida será por muitas gerações ainda de desiguais (§ 6).

O autor (articulista) não denomina a voz que fala. Quais *os que defendem*? Em outro momento, ao utilizar o termo *no papel*, o autor desqualifica o discurso da igualdade ainda defendida por alguns (*os que defendem*), pois, através dessa expressão, confere à voz o devido distanciamento da verdadeira e real situação que, segundo o autor, “[...] nega a igualdade a olhos vistos” (§ 6).

Com isso, podemos dizer que, ao passo que no texto anterior (crônica B), no movimento dialógico de assimilação, o autor chama a voz disponibilizando espaço para ela através do discurso citado (direto), neste texto, (crônica D), com o movimento dialógico de distanciamento, “[...] as vozes com as quais o autor se confronta são apagadas ou reacentuadas, pelo enquadramento [...] que lhes dá, de modo a perderem sua credibilidade [...]” (p. 175), declara Rodrigues (2005). Alguns aspectos correspondentes às configurações estilístico-composicionais estão ligados ao objeto do discurso, outros fazem parte do processo de produção da comunicação, segundo a mesma autora.

Cumprе ressaltar que o processo de comunicação dá-se pela mediação do jornal. Mas, a partir do momento em que esse jornal ganha visibilidade e divulgação, também pela internet, a comunicação é estendida. Com o jornal digitalizado, e ainda a publicação das crônicas e de outros gêneros em seções individuais dos respectivos columnistas, no site da empresa jornalística, a expectativa de público leitor aumenta, haja vista ser a internet um meio de comunicação universal.

Além disso, Rodrigues (2005) chama atenção para outros aspectos:

[...] a orientação ativa para os enunciados já-ditos molda a manifestação estilístico-composicional [...] observada no modo de inter-relação do discurso do articulista com os enunciados já-ditos, pelo enquadramento do discurso do outro e pelas formas composicionais de introdução e organização do discurso do outro [...] (p.175).

Sendo assim, os movimentos dialógicos (assimilação e distanciamento) passam a ser configurados como identificadores das estratégias utilizadas no processo de enquadramento e da citação das vozes no discurso. Logo,

[...] O enquadramento do discurso do outro cria a perspectiva, o fundo dialógico que é dado ao discurso introduzido, dá-lhe um acento de valor, pois ‘por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso do

outro incluído [...] sempre está submetido a notáveis transformações de significado' (Bakhtin, 1993b [1934-1935], p.141) (op. cit., p.176).

Isso possibilita a observação e a compreensão de como o autor chama as outras vozes, a maneira como são assimiladas, ou distanciadas, oferecendo ao texto a sustentação ideológica, a credibilidade e a confirmação do argumento da sua autoridade.

Assim sendo, podemos, conforme Rodrigues (2005), destacar no movimento dialógico de assimilação, “[...] a escolha de determinados verbos ou grupos proposicionais introdutórios do discurso citado e o uso de determinadas palavras e expressões avaliativas” (p. 176).

A compreensão sobre o uso dos verbos introdutórios possibilita detectarmos a manifestação do discurso do outro, além de conduzir à sua apreciação (exemplo - crônica B):

[...] a revista dos Civitas não foi preconceituosa: na lista por ela formada dos 50 grandes brasileiros “que ajudaram a construir o Brasil e que ainda inspiram as gerações atuais na tarefa de antecipar o futuro” aparecem 12 nordestinos. Na verdade, não havia como evitar, mesmo deixando de lado um Capistrano de Abreu, um Rodolfo Garcia, um José Américo [...]. Mas vá lá que seja: dez, doze nomes nordestinos reconhecidos pela arbitragem paulistana como construtores espirituais e materiais do País, como espíritos influentes a quem o futuro deve alguma satisfação, já é um ganho considerável (§§ 1, 2, 4).

Consequentemente, as palavras e expressões avaliativas possibilitam conduzir uma valoração positiva em relação ao enunciado ou ao autor deste. Apresentamos como exemplo dessa expressão avaliativa um trecho do texto analisado (crônica B):

[...] dez, doze nomes nordestinos reconhecidos pela arbitragem paulistana como construtores espirituais e materiais do País, como espíritos influentes a quem o futuro deve alguma satisfação, já é um ganho considerável. [...] A literatura que fez as nossas cabeças e fixou, geração após geração, a nossa visão e sentimento do mundo. Apesar de parecer mal escrita a um poeta da pureza de Drumond. Pureza artística, mesmo assim incapaz de anular os surtos do preconceito (§§ 4, 7).

Conforme Rodrigues (2005), o movimento dialógico de distanciamento possui maior variedade de estratégias de enquadramento da voz do outro, pois na utilização de tal movimento objetiva-se desqualificar, apagar, distanciar o ponto de vista desta voz.

Para tanto, podem ser utilizadas no movimento dialógico de distanciamento estratégias como a ironia, as aspas, os pronomes demonstrativos, o chamamento do discurso do outro, a negação, os operadores argumentativos, o uso de palavras e expressões avaliativas,

das quais muitas delas funcionam simultaneamente também como meios de introdução e da citação do outro discurso, segundo Rodrigues.

Ao verificarmos a presença ou não dessas estratégias nos textos analisados, destacamos o seguinte trecho (crônica D):

[...] Olha-se em redor, e o negro é exceção, só rompida à força de circunstâncias muito pessoais que o consentem ser visto assim mesmo, quando sobem, com 'alma de branco'. Os que defendem a ascensão pelo mérito esquecem ou não têm memória das condições históricas em que o colonizador de todos tempos se relacionou com o negro. [...] No papel, todos são iguais, mas a realidade, mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos. A corrida será por muitas gerações ainda de desiguais (§§ 5, 6).

No trecho, encontramos as seguintes estratégias: 1) *o uso da negação*: “Os que defendem a ascensão pelo mérito esquecem ou não têm memória das condições históricas em que o colonizador de todos tempos se relacionou com o negro” (§ 6); 2) *o uso de palavras e expressões avaliativas*: “No papel, todos são iguais, mas a realidade, mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos. A corrida será por muitas gerações ainda de desiguais” (§ 6).

3) *A utilização das aspas*: “Olha-se em redor, e o negro é exceção, só rompida à força de circunstâncias muito pessoais que o consentem ser visto assim mesmo, quando sobem, com 'alma de branco'” (§ 5); 4) *o uso dos operadores argumentativos*: “No papel, todos são iguais, mas a realidade, mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos” (§ 6).

5) *O uso do chamamento do discurso de um outro*: “Os que defendem a ascensão pelo mérito esquecem ou não têm memória das condições históricas em que o colonizador de todos tempos se relacionou com o negro” (§ 6); 6) *a ironia*: “Olha-se em redor, e o negro é exceção, só rompida à força de circunstâncias muito pessoais que o consentem ser visto assim mesmo, quando sobem, com 'alma de branco'” (§ 5); 7) *a utilização dos pronomes demonstrativos*: “Os que defendem [...]” (§ 6), (ex.: *aqueles* que defendem), nesse caso, o pronome de 3ª pessoa *Os* age no contexto como um pronome demonstrativo. Quem são *os* que defendem, (ou) *aqueles* que defendem?

Tais demonstrações das possíveis estratégias correspondentes ao movimento dialógico de distanciamento das vozes foram possíveis porque, neste texto-exemplo (crônica D), o autor orientou-se mais para um tipo de análise/comentário sobre outros enunciados (já-ditos), claramente expostos no seu discurso.

Essa característica faz desse texto/enunciado (crônica D) um tanto quanto diferente das outras crônicas, aquelas orientadas mais pela expressão da voz social do autor, uma

apresentação do seu discurso, da sua voz, do seu olhar sobre o mundo, seu contexto social, quase nunca trazendo discursos alheios para corroborar com seu enunciado, pois este não seria o objetivo principal do autor, já que estamos falando de outro gênero, outro propósito discursivo.

Em suas crônicas, geralmente há a utilização de recursos estilísticos como a narrativa baseada em lembranças suas, em momentos regressos da sua vida como modo de apresentação de um diálogo casual entre autor e leitor, aquilo que chamamos de conversa entre dois amigos, no entanto, não deixam de emitir e/ou expressar a sua realidade, por meio de posicionamentos discretamente intencionados.

### **2.2.2 Movimentos dialógicos básicos**

Rodrigues (2005), ao refletir sobre o artigo, faz algumas considerações pertinentes à compreensão da relação dialógica estabelecida na orientação valorativa do autor para o seu interlocutor e para a sua reação-resposta. A autora aponta para a construção de três movimentos dialógicos, a saber: o *movimento de engajamento*, o *movimento de refutação* e o *movimento de interpelação*. Estes movimentos são considerados a base para o tipo de relação que o autor pretende estabelecer com o seu interlocutor.

#### **2.2.2.1 O movimento de engajamento**

Ao verificarmos a presença dos movimentos dialógicos de assimilação e de distanciamento, anteriormente apresentados e exemplificados, passamos a estudar mais detidamente algumas manifestações dos movimentos dialógicos básicos para o estabelecimento da relação dialógica entre autor e interlocutor, a começar pelo movimento dialógico de engajamento, pelo qual:

[...] o articulista eleva o leitor à posição de aliado, de um co-autor [...]. O discurso é construído como se o articulista e o leitor falassem de uma mesma posição valorativa, em uma relação de concordância. O leitor é alçado à posição de um co-autor. Sua reação-resposta é assimilável à orientação valorativa do articulista, que se manifesta em certos traços estilístico-composicionais, como o verbo e o pronome na 1ª pessoa do plural (nessa situação, o nós é um eu + tu), o pronome *todos* e as perguntas retóricas como questionamentos possíveis do leitor [...] (RODRIGUES, 2005, p.178).

Para tanto, afirmamos novamente o caráter dialógico, pelo qual destacamos a fundamental participação do leitor no acúmulo da autoria do gênero. Isso porque o autor

assume o objetivo de efetivar a comunicação com seu interlocutor. Por isso, é pensando nesse possível leitor que o autor-cronista produz seu enunciado, utilizando, como meio para a solicitação da colaboração desse interlocutor/leitor, o diálogo.

Como dito anteriormente, o autor pode manifestar concretamente sua relação com o interlocutor através de alguns traços que irão indicar a presença do seu aliado (leitor) na construção do discurso. Em uma das crônicas (B), o autor inclui o seu leitor no ponto de vista por ele apresentado: “A literatura que fez as nossas cabeças e fixou, geração após geração, a nossa visão e sentimento do mundo” (§ 7).

O autor tem como objetivo engajar o leitor, no entanto, esse interlocutor incluído no discurso não pode ser qualquer um, ele deve fazer parte do mesmo contexto social, pois se trata da “[...] literatura espalhada no mundo pelos nordestinos” (§ 7). Portanto, esse movimento dialógico será efetivado quando autor e interlocutor compartilharem desse ambiente social, já que é a partir do contexto/cotidiano do autor que a crônica é desenvolvida.

#### **2.2.2.2 O movimento de refutação**

No que diz respeito ao movimento dialógico de refutação, através dele:

[...] o autor antecipa as possíveis reações-resposta de objeção que o leitor poderia contrapor a seu discurso, abafando-as. Pelo movimento de refutação, o autor provoca o silenciamento de enunciados pré-figurados (possível contrapalavra), que ou incorpora no seu discurso, ou leva em conta na construção do seu enunciado. [...] As possíveis reações do leitor ao discurso do articulista, contrárias a seu ponto de vista, são incorporadas ao discurso do autor e enquadradas de modo refutativo (RODRIGUES, 2005, p. 178-179).

Nos textos analisados, o trecho (crônica E), compreendido como uma manifestação do movimento dialógico de refutação, pode corresponder ao momento em que o autor-cronista fala sobre a ascensão social do negro na sociedade brasileira: “Os que defendem a ascensão pelo mérito esquecem ou não têm memória das condições históricas em que o colonizador de todos tempos se relacionou com o negro” (§ 6). Ainda no mesmo parágrafo, o autor completa dizendo que “Na corrida pela escola, pelo emprego, pela vida social a conjuntura negra arca com quatrocentos anos de escravidão e de discriminações dissimuladas”.

Caso o leitor tome a posição de contestar o discurso do cronista, aquele terá que se colocar na categoria dos que não sabem ou não reconhecem a situação do negro no país desde a época de sua colonização, uma situação expressada pelo autor como uma “[...] geração

ainda de desiguais” (§ 6). Portanto, aquele que negar essa desigualdade histórica, estará enquadrando-se nas visões dissimuladas e discriminatórias da realidade ainda vigente.

### 2.2.2.3 O movimento de interpelação

Em relação ao terceiro movimento dialógico, Rodrigues (2005) considera:

No movimento dialógico de interpelação, determinado ponto de vista é apresentado como o ponto de vista, como *A* verdade à qual o leitor deve se sentir compelido, persuadido a aderir. A opinião do articulista, um interlocutor de elite, constitui-se como norma para os leitores, uma vez que se mostra como argumento para a plausibilidade e credibilidade do seu enunciado. A interação dialógica entre autor e leitor se apresenta como uma relação de imposição sobre o leitor, marcada no artigo por indicadores modais do tipo “é preciso”, “é condição essencial”, “deve ser”, “isso é fundamental [...]” (p. 179).

No mesmo texto (crônica E), parágrafos cinco e seis, o autor desenvolve um discurso que pode corresponder a uma manifestação mais próxima do movimento dialógico de interpelação do leitor para a sua orientação valorativa, para o seu horizonte axiológico. A narrativa da crônica, com as lembranças do sujeito autor, dá lugar a uma visão social que tem como ponto de partida a situação do negro no país. Um ponto de vista apresentado como sendo *A verdade*, aquilo que fez, faz e fará parte da sociedade ainda por muito tempo. Essa verdade é exposta com o auxílio da pontuação interrogativa, afirmativa, pelo tom discursivo persuasivo. Observemos o trecho completo:

Como explicar um país composto metade de negros com uma participação tão diminuta nos serviços maneiros? Olha-se em redor, e o negro é exceção, só rompida à força de circunstâncias muito pessoais que o consentem ser visto assim mesmo, quando sobem, com “alma de branco”. Os que defendem a ascensão pelo mérito esquecem ou não têm memória das condições históricas em que o colonizador de todos tempos se relacionou com o negro. Na corrida pela escola, pelo emprego, pela vida social a conjuntura negra arca com quatrocentos anos de escravidão e de discriminações dissimuladas. No papel, todos são iguais, mas a realidade, mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos. A corrida será por muitas gerações ainda de desiguais (§§ 5, 6).

Se, por acaso, o leitor não tiver compreendido o real propósito, a verdade expressa pelo autor nos meandros de sua narrativa, essa compreensão estaria sendo efetivada neste momento da crônica, pelo trecho citado. Com isso, o autor não dá oportunidade para o leitor

negar essa verdade. Desta forma, o horizonte axiológico do autor-cronista fará o acabamento do discurso no movimento de interpelação do leitor.

Primeiro, o autor lança um questionamento: Como explicar um país composto metade de negros com uma participação tão diminuta nos serviços maneiros? (§ 5). Esse questionamento pode ser compreendido como uma verdade de abertura para *A* verdade logo em seguida apresentada na fala do cronista, através das afirmativas:

Olha-se em redor, e o negro é exceção, só rompida à força de circunstâncias muito pessoais que o consentem ser visto assim mesmo, quando sobem, com “alma de branco” (§ 5).

Na corrida pela escola, pelo emprego, pela vida social a conjuntura negra arca com quatrocentos anos de escravidão e de discriminações dissimuladas (§ 6).

Em outro momento lança uma afirmativa que não é sua, portanto, não é essa *A* verdade que o leitor deve aceitar: “No papel, todos são iguais [...]” (§ 6). Por isso, essa verdade é exposta como *falsa* pela imediata refutação: “[...] mas a realidade, mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos” (§ 6). À sua fala é conferido o aspecto de verdade, “A verdade” que o leitor deve aderir: “A corrida será por muitas gerações ainda de desiguais” (§ 6).

Vale dizer que ao nos determos com a observação da incorporação de outras vozes ao discurso do autor das crônicas, percebemos uma forte presença do discurso relatado direto. Essa verificação nos leva a uma reflexão pela qual compreendemos a crônica como sendo um gênero orientado mais para a expressão da subjetividade do sujeito autor, para o qual é dada a possibilidade de selecionar, dentre vários recursos e estratégias existentes, aqueles/aquelas que melhor chamem a atenção do seu interlocutor (leitor) para a “conversa” engendrada em seu discurso.

Por isso, constatamos nas crônicas, a construção de um discurso voltado em grande parte para a apresentação de narrativas, pelas quais entram outros sujeitos, outras vozes igualmente importantes para o desenvolvimento e apresentação dos elementos constitutivos do gênero.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o que foi dito na introdução, este trabalho teve como motivação primeira para a sua produção a preocupação com o ensino de Língua Portuguesa da rede pública estadual. Consequentemente surge uma necessidade de aprofundamento na teoria dos gêneros discursivos, bem como o seu emprego nas aulas de língua materna.

Tal motivação/preocupação ganhou força a partir de experiências vividas, especificamente com alunos do Ensino Médio, através de projetos no período de graduação, voltados para o ensino de língua. Com isso, as reflexões sobre os gêneros do discurso tornaram-se tarefas importantíssimas ao processo de formação social e profissional dos envolvidos.

Em nosso trabalho, constatamos que, no âmbito de ensino, a compreensão da língua materna deve fazer com que o estudante seja motivado a conhecer de modo efetivo a sua língua, pois, assim, o professor estará estabelecendo um elo de sentido desse aluno com o mundo a sua volta.

Portanto, a formação discursiva desses sujeitos deve surgir como meta imprescindível ao ensino de Língua Portuguesa. Neste percurso, o professor assume o papel de sujeito reflexivo e mediador dessa formação, através da qual teremos futuros cidadãos competentes linguisticamente.

Assim sendo, reafirmamos que tratar os gêneros discursivos como sendo o cerne nas aulas de língua materna não é tarefa fácil. Isso exige que o professor possua um domínio teórico que lhe assegure o bom andamento desse trabalho. Para isso, é preciso evitar olhares limitados sobre os gêneros, do contrário, estará sendo desconstruído o caráter puramente social, pelo qual os sujeitos significam e atribuem sentido ao mundo.

Ao elegermos um gênero como meio de estudo e, assim, procurarmos compreender o modo de organização de determinados grupos sociais, do ponto de vista discursivo, nosso olhar voltou-se para o gênero *crônica* que, por sua vez, necessita de maior atenção. Buscamos refletir mais detidamente sobre os campos jornalístico e literário no processo de formação do gênero e, conseqüentemente, tentar entender como se apresenta o “grupo” composto por jornalistas/escritores de nossa sociedade, tendo como base para esse tipo de análise uma dada realidade de nosso contexto social.

Para tanto, foram analisadas cinco crônicas, de divulgação semanal pela empresa jornalística o *Jornal da Paraíba*. Todas as crônicas foram escritas por um mesmo autor, colunista do jornal e expostas na seção *Opinião* do referido jornal.



Com isso, através do estudo, aqui empreendido, esperamos ter apresentado uma significativa base teórica e uma possibilidade de ensino ao professor, no que se refere ao tratamento e abordagem dos gêneros discursivos e, assim, apontarmos caminhos para o processo de compreensão e produção de gêneros nas aulas de língua materna.

Sendo assim, no decorrer deste trabalho, do ponto de vista teórico, refletimos a validade de uso da *crônica*, no que diz respeito à sua utilização como objeto de ensino, além, obviamente, de discutimos sobre as características discursivas motivadoras do dizer desse gênero, considerando seus respectivos ambientes de sua formação/produção.

Como vimos, no que concerne ao gênero em questão, refletimos sobre a sua formação sociodiscursiva, esta fundamentada na relação recíproca existente entre as esferas jornalística e literária. Desse modo, passamos a considerar aquilo que chamamos de uma formação *interesferas* do gênero. Por isso, a exposição teórica desse trabalho fundamentou-se nessa relação.

Observamos que o propósito discursivo do gênero corresponde ao elemento responsável pela forma como podemos compreender o posicionamento do sujeito-autor, os sentidos por ele estabelecidos, assim como sua relação com as esferas sociais que possibilitaram a formação e produção do gênero.

Nesse pressuposto, constatamos que cada gênero é moldado por um projeto discursivo o qual, em sua efetivação, pode vir a renovar-se em nome do mesmo gênero, fazendo com que este se transforme e/ou outros tantos nasçam, sempre atendendo às necessidades dos falantes. Daí a importância de discutirmos essas questões e podermos observar os posicionamentos e as máscaras assumidas pelos sujeitos construtores dos enunciados, neste caso, o cronista com a sua crônica.

Através da análise, refletimos, dentre outras coisas, sobre as características discursivas motivadoras para a produção dos enunciados, como essas motivações manifestaram-se, o posicionamento axiológico do sujeito-autor, a relação existente entre os sujeitos da interação, nesse caso, autor (cronista) e interlocutor (leitor), as regularidades que marcaram e representaram as esferas de atuação do sujeito autor e da formação do gênero, além de aspectos distintivos do gênero em relação a outros divulgados no mesmo meio/mídia/suporte.

Cumprir lembrar que os textos analisados não foram estudados como modelos do gênero em foco. Estaríamos, portanto, fugindo do processo discursivo pelo qual os gêneros passam e, com isso, suas possíveis transformações até formarem-se enquanto gêneros do

discurso, mediadores, moduladores e modificadores da interação social e verbal entre os sujeitos.

Observamos, nas crônicas analisadas, diferentes propósitos discursivos, porém, todas tendo como base motivadora as impressões e percepções daquele que as escreve. Uma escrita/produção com características de uma conversa, algo que, aparentemente, surge do nada, de maneira simples, mas que pela aparente falta de importância, cativa, chama o leitor de tal forma que o faz “ouvir” e “responder” atentamente às reações e às respostas lançadas pelo seu interlocutor, o cronista.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 [1953].

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, A. P.; Judith C. H. (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. cap. 1, p. 19-46.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 53-68.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de texto. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 69-82.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 146-225.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, G. de.; GALENO, A. (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 139-154.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 163-171.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PINTO, Manuel da Costa. Crônica, o mais brasileiros dos gêneros literários. In: **Antologia de crônicas: crônica brasileira contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2005. p. 7-13.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 153-183.

RODRIGUES, Luiz Gonzaga. *A estrada*. Disponível em <http://www.jornaldaparaiba.com.br/blog/gonzagarodrigues/page/16/>? Acesso dia 1º de janeiro de 2012.

\_\_\_\_\_. *Celso, por um triz*. Disponível em <http://www.jornaldaparaiba.com.br/blog/gonzagarodrigues/page/16/>? Acesso dia 03 de janeiro de 2012.

\_\_\_\_\_. *A aluna de Augusto*. Disponível em <http://www.jornaldaparaiba.com.br/blog/gonzagarodrigues/page/16/>? Acesso dia 19 de janeiro de 2012.

\_\_\_\_\_. *Quedê Ricardo?* Disponível em <http://www.jornaldaparaiba.com.br/blog/gonzagarodrigues/page/14/>? Acesso dia 1º de abril de 2012.

\_\_\_\_\_. *Os serviços maneiros*. Disponível em <http://www.jornaldaparaiba.com.br/blog/gonzagarodrigues/page/12/>? Acesso dia 29 de abril de 2012.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática. 2008.

## **ANEXOS**

## Crônica A

A estrada

Gonzaga Rodrigues

- [§ 1] Botamos os pés na estrada, ou seja, a van dos nossos dias, no penúltimo entardecer de 2011. Arranjo-me no primeiro banco, ao lado do motorista, adaptando o encosto à fadiga da coluna.
- [§ 2] Velha estrada de tantas idas e vindas, por onde sempre voltei em cima dos pés, quer dizer, indo sem vontade, sem alegria, sem desejo de ficar. Não sei se foi o refugio da primeira ida, da rejeição no emprego, na fila para trabalhar nas fundações da Chesf, e até, já sem esperança, no recrutamento como grumete da Marinha. Tudo isso naufragando o olhar do poeta primário no anúncio colorido de uma marca de óleo que piscava sem cessar na noite borrenta do Beberibe, única luz naquele mundo de portas e janelas fechadas.
- [§ 3] Agora o clarão é de incêndio grande assustando um dos netos que, como a gente de meio século atrás, ainda recorre a Recife para o embarque. Recorrência de toda uma história econômica iniciada na colonização e pontilhada de tragédias em meio ao atraso.
- [§ 4] Explico ao neto que não é nada. É a queimada dos tocos de cana, a mesma a que se referem os cronistas dos primeiros plantios, muitos deles com palavras de condenação.
- [§ 5] - Mudou muito com a duplicação – ouvi do motorista.
- [§ 6] E fiquei ruminando, em silêncio, sobre esse tipo de mudança tamponada com cimento e asfalto. De alargamento, conforto e segurança, margens e interior adentro na mesma antiga paisagem.
- [§ 7] O que teria sobrado para os que andam fora estrada? Quilômetros atrás tínhamos passado sob uma passarela destinada a pedestre. Estava ali a resposta mais à vista, sem outras preocupações e exames.
- [§ 8] Tudo o que mudou se concentra realmente na estrada, sob o intenso fluxo dos faróis, o casario solitário do mato, antes isolado, vindo aumentar as pontas de rua.
- [§ 9] Recife já começa na saída de João Pessoa, o cordão de luz fazendo da estrada a mais longa avenida, Avenida Recife, antiga BR-101.
- [§ 10] Retardado, sob o impacto da escuridão subitamente rompida pelo clarão da queimada, acodem-me à cabeça fagulhas desconexas de incertas leituras, como a do herói paraibano de 19 anos, José Peregrino, arrastado pela mesma estrada, as mãos amarradas, para ser levado à força no Recife pelas idéias republicanas. Flagra Irineu Pinto: “Vestido da alva dos condenados e acompanhado de forças aparatosas e da Irmandade da Santa Casa, vai Peregrino pagar com a vida a redenção da pátria que ele sonhara feliz e gloriosa”. Que lindo sonho!

**Gonzaga Rodrigues**, jornalista e escritor/ PB [publicado em  
*Jornal da Paraíba*, em 01/01/12]

## Crônica B

Celso, por um triz

*Gonzaga Rodrigues*

- [§ 1] Não, desta vez a revista dos Civitas não foi preconceituosa: na lista por ela formada dos 50 grandes brasileiros “que ajudaram a construir o Brasil e que ainda inspiram as gerações atuais na tarefa de antecipar o futuro” aparecem 12 nordestinos.
- [§ 2] Na verdade, não havia como evitar, mesmo deixando de lado um Capistrano de Abreu, um Rodolfo Garcia, um José Américo (visto por um expoente do pensamento sulista como “o homem mais representativo do Nordeste”) ou um Paulo Freire, um Josué de Castro, um Arraes, um populista sem abrir mão da austeridade.
- [§ 3] Por que não Chateaubriand? Sua linha de pensamento, como capitão de empresas, não perdeu ainda fortes trações de influência. E também como ideólogo do capitalismo tupiniquim.
- [§ 4] Mas vá lá que seja: dez, doze nomes nordestinos reconhecidos pela arbitragem paulistana como construtores espirituais e materiais do País, como espíritos influentes a quem o futuro deve alguma satisfação, já é um ganho considerável.
- [§ 5] No final da galeria, como se surgisse de última hora, entra Celso Furtado, única presença da Paraíba no “exercício hipotético” dos organizadores da lista. (Anos atrás, se entre esses organizadores estivesse o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, seguramente não faltaria a espada nacionalista de outro paraibano, o general Vidal de Negreiros, fundador da nacionalidade).
- [§ 6] De qualquer modo não puderam se furtar à leitura e consideração do papel do Nordeste no cenário cultural e político da nação. Ainda não dá para exorcizar os fantasmas de Rui, Nabuco, Floriano, nem jogar no lixo o pensamento de Gilberto Freyre, de Anísio Teixeira ou de Celso Furtado.
- [§ 7] Para só falar no pensamento social e político cultivado e praticado pelo discurso e a ação desses nordestinos. Não entra na conta, obviamente, o substrato social e político da literatura espalhada no mundo pelos nordestinos. A literatura que fez as nossas cabeças e fixou, geração após geração, a nossa visão e sentimento do mundo. Apesar de parecer mal escrita a um poeta da pureza de Drumond. Pureza artística, mesmo assim incapaz de anular os surtos do preconceito. “Como esses nordestinos escrevem mal”- desabafou em carta a Ciro dos Anjos, seu confidente mineiro.

**Gonzaga Rodrigues**, jornalista e escritor/ PB [publicado em  
*Jornal da Paraíba*, em 03/01/12]

Crônica C
-----------

Quedê Ricardo?

*Gonzaga Rodrigues*

- [§ 1] Ricardo Coutinho, o governador, não me deixou assistir à sessão solene que a Fundação Laureano promoveu, na noite de 23, aos 50 anos do Hospital. Estava de férias e chegou atrasado para falar nisso.
- [§ 2] Vereador, deputado, mesmo prefeito, Ricardo não era desses procedimentos. Raro o ajuntamento, solene ou popular, que a ele o “mago” não viesse juntar-se. Adivinhava a ocasião em que se fazia necessário. Ocasões nem sempre chamativas, de grande público, como a que vivemos juntos quando o governo de Maranhão mandou cortar, por inadimplência, a luz da Prefeitura de Chico Franca. Eu era assessor de imprensa de Chico, filho de Damásio. O Damásio que se antecipara a todos e a mim próprio em providenciar, pela Prefeitura, os funerais de minha mãe. Antiga professora rural do mais enfurnado interior, o velho e bom Damásio achava que D. Antonina fazia jus a essa dádiva, ainda que vinda de outro município. Achando pouco, deu-lhe um nome de rua que ainda não acharam onde pregar a placa.
- [§ 3] Estávamos, então, à luz de velas, no gabinete antigo do prefeito, quando vem juntar-se a nós, com a mesma reação ao ato insólito, o Ricardo vereador. A Prefeitura não era de Oposição, pois Chico nunca foi disso, mas estava em mãos de outro partido que não o do governo. E descuidara-se, havia várias gestões, da conta de luz acumulada aos montes. Ricardo não era do partido de Chico, até o combatia, mas foi abraçá-lo.
- [§ 4] Agora, tantos anos depois, era de que eu me lembrava ao participar da mesa que presidia as solenidades ao Laureano, desfalcada da presença do governador. Ou do seu representante. Nenhum governador, por mais assoberbado, mais estabonado, por mais indiferente a protocolos, faltaria a uma ocasião daquelas.
- [§ 5] O que estaria acontecendo, se o próprio Ricardo não se fez de rogado ao liberar os recursos antes dele assegurados para a compra do acelerador que faltava? Liberou e se fez presente ao ato inaugural, prometendo novos recursos e serviços. Mas não deu muita trela ao ritual cortejado por todos os tempos e povos de distintas civilizações, a maioria deles em louvor da vida, do extremo sacrifício e das traições que ela nos impõe.
- [§ 6] A mesa estava composta de outras lideranças, aliadas e oponentes, integradas ao mesmo cordão de solidariedade tecido pela obstinada ânsia de vida e de superação de limites do hospital. O auditório de médicos, profissionais da Saúde e de diferentes atividades curtiá ali esse mesmo sentimento - o de comovida homenagem à história e à comunidade do Laureano.
- [§ 7] Ricardo Coutinho não deve estar fora disso. Como nunca poderá fugir ao rito, nem que tivesse participado, de escudo ou arma mais moderna, de todas as grandes revoluções.
- [§ 8] E por que não foi?
- [§ 9] Essa pergunta atrapalhou e desviou-me, de certo modo, das palavras da celebração, salvo as da professora Ângela Bezerra de Castro, membro do Conselho, que me deu o privilégio de ouvi-las antes pelo telefone.

**Gonzaga Rodrigues**, jornalista e escritor/ PB [publicado em  
*Jornal da Paraíba*, em 01/04/12]



A aluna de Augusto

*Gonzaga Rodrigues*

- [§ 1] D. Nininha foi aluna particular de Augusto dos Anjos, na rua General Osório. Da janela onde vinha limpar a vista, na rua principal de Alagoa Nova, D. Nininha me viu passar com o EU debaixo do braço, creio que uma edição das Bedeschi de 1947, quando a carreira do livro começava a disparar, e que atinge hoje a 48ª pela Bertrand-Brasil.
- [§ 2] Antes de ler o depoimento de José Américo e o do professor José Oiticica, que conviveram com as singularidades gestuais e de comportamento pessoal do morador do Pau d'Arco, bem antes dessa leitura mitificada, colhi da antiga diretora do grupo escolar, já aposentada, a mesma impressão.
- [§ 3] - Estudei com ele, assisti, meio assustada, aos seus repentes, a suas mudanças de feições quando se excedia numa explicação ou se detinha num assunto que gostava... Foi um momento inesquecível da minha vida estudantil.
- [§ 4] - Ele já era famoso? - Explicou que não era pela fama, pois mais famosos do que ele, na conversa dos salões e na aparição nos jornais e revistas, eram Raul Machado e Américo Falcão. Era pela emoção extraordinária que transmitia a quem o ouvisse, recitasse um verso ou explicasse uma questão de álgebra. A sala inteira se empolgava com o fervor de sua voz e de suas palavras. As palavras, mesmo as do uso comum, ganhavam com ele uma força e uma expressão surpreendentes. "Parecia não ser realmente deste mundo".
- [§ 5] Não creio que D. Nininha chegasse sequer a pensar em análises literárias. Ensinava o primário, as noções básicas da gramática e, em matéria de letras, de coisa literária, não devia passar das noções de retórica relegadas ao final das velhas gramáticas.
- [§ 6] Mas não teve como escapar ao cantochão dos dínamos profundos ou à aleluia virginal das crenças. Mais à força musical das palavras do que mesmo ao seu sentido.
- [§ 7] Tempos depois, muitos anos distantes desse guardado da memória, encontrei José Américo repassando essa mesma impressão de transcendência.
- [§ 8] Em 1982, revendo-a aos noventa anos, vinha a minha linda professora de outro instante de transporte emocional, ao deixar o Espaço Cultural inaugurado sob a batuta de Isac Karavichevski regendo a Sinfônica da Paraíba.
- [§ 9] Apoiada no braço do sobrinho, o xale protegendo-lhe da forte brisa da noite, deu-me a felicidade do novo e último encontro, num momento em que todos subíamos ao céu mandados pelo coro da 9ª Sinfonia que as vozes da moçada do Varjão, Torre e Mandacaru vieram entoar.

**Gonzaga Rodrigues**, jornalista e escritor/ PB [publicado em  
*Jornal da Paraíba*, em 19/01/12]

## Os serviços maneiros

*Gonzaga Rodrigues*

- [§ 1] Não ficou na lembrança, a primeira vez que me chamaram de negro. Não devo ter sentido qualquer ofensa. Na infância não foi. Tive uma infância quase que monástica, de filho único sem companhia nem vizinhança. Dessa fase só me lembro de Nino, um que morreu de vermes, e do filho do fogueteiro, Zé Paulo, que perdi de vista quando larguei o sítio.
- [§ 2] Entre a adolescência e a primeira juventude, decorridas no caldcamento de Campina Grande, estuário mais que regional das ambições comerciais e culturais dos meus anos de formação, a menção à minha cor, que me lembre, só se deu quando tive de tirar, na polícia, uma pré-identidade (ainda não fizera os 18 anos) . Horas depois, quando fui ler com apurada curiosidade os detalhes do documento, lá estava a classificação “parda-clara”, que não me causou mossa e permaneceu até quando excluíram esse tipo de registro da cédula de identidade.
- [§ 3] Negro, mesmo, só comecei a ser chamado a partir da Casa do Estudante. Lá todos ganhavam apelido e, aos olhos gerais, fiquei como negro. Éramos três em toda a comunidade, eu o mais claro deles.
- [§ 4] No Pio XI campinense, meu primeiro colégio, negro era fruta rara. Na minha classe tinha o negro Raimundo Adolfo e, menos escuro, de um moreno fortemente corado, quase bronze, o negro Temístocles. No Liceu, onde tive passagem breve, a classe amorenou um pouco. Era escola pública mais ao alcance dos filhos de pequenos funcionários e comerciantes.
- [§ 5] Isso é o que os meus olhos guardam. Como explicar um país composto metade de negros com uma participação tão diminuta nos serviços maneiros? Olha-se em redor, e o negro é exceção, só rompida à força de circunstâncias muito pessoais que o consentem ser visto assim mesmo, quando sobem, com “alma de branco”.
- [§ 6] Os que defendem a ascensão pelo mérito esquecem ou não têm memória das condições históricas em que o colonizador de todos tempos se relacionou com o negro. Na corrida pela escola, pelo emprego, pela vida social a conjuntura negra arca com quatrocentos anos de escravidão e de discriminações dissimuladas. No papel, todos são iguais, mas a realidade, mesmo a de hoje, nega a igualdade a olhos vistos. A corrida será por muitas gerações ainda de desiguais.
- [§ 7] O voto do ministro Peluso remete a essa profunda consciência da conjuntura histórica do negro no Brasil: “O mérito é, sim, um critério justo, mas é justo apenas em relação aos candidatos que tiveram oportunidades idênticas ou pelo menos assemelhadas.”

**Gonzaga Rodrigues**, jornalista e escritor/ PB [publicado em  
*Jornal da Paraíba*, em 29/04/12]